O Languedocense:

ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica

Luís Raposo *
António Carlos Silva **

Resumo

Inicialmente considerado como uma indústria lítica de sentido pleno, com uma extensão extrema balizada pelo Riss/Würm e o Würm final, o Languedocense veio ao longo do tempo a ser progressivamente revisto. Nuns locais — França principalmente — tal revisão operou-se no plano da sua atribuição cronológica — que passou a ser considerada pós-paleolítica; noutros locais, à falta de uma tal revisão, mas consideradas as crescentes dúvidas acerca da datação inicial, essa mesma revisão operou-se mais no sentido de uma progressiva descaracterização conceptual — de uma indústria definida passava-se a referir uma técnica muito sumária, de contornos mal definidos.

Esta foi a via seguida em Portugal. E embora tenha sido discutida no início da década de 70, só recentemente conheceu um desenvolvimento capaz

de conferir de novo sentido pleno àquela indústria lítica.

No entanto, a questão de fundo que ainda hoje tanto o languedocense francês e espanhol, como o português põem não é tanto a da cronologia, mas a da sua própria caracterização morfotécnica e tipológica. O problema das datas apenas encobre este outro — que no entanto o precede e lhe subsiste. Sem deixar de discutir a "questão cronológica", pretendemos neste trabalho fundamentalmente aprofundar a "questão conceptual", através de uma análise morfotécnica e de uma síntese tipológica demonstrativas de que: 1 — existe uma indústria languedocense autónoma e de sentido pleno; 2 — essa indústria apresenta características morfotécnicas e tipológicas não só particulares, como diversas das características das indústrias líticas paleolíticas — especialmente das pebble-cultures.

** Do G.E.P.P. e Director do Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural, Praça do Império, P-1400 LISBOA.

^{*} Do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (G.E.P.P.) e do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Praça do Império, P-1400 LISBOA.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

Résumé

Le Languedocien, a été d'abord considéré comme une industrie lithique au sens plein, avec une extension extrême balisée par le Riss/Würm et le Würm final, notion qui a été progressivement revue au long du temps. En certains pays — notamment en France — une telle révision s'est opérée sur le plan chronologique — ce qui imposa sa caractérisation comme post-paléolithique; ailleurs, comme au Portugal, à défaut d'une telle révision et en tenant compte des doutes croissantes quant à la datation initiale, cette même révision s'est opérée d'avantage dans le sens d'une progressive décaractérisation conceptuelle — en réduisant une industrie définie à une technique très sommaire, aux contours mal définis. Ce n'est que récemment que cette problématique a connu un développement capable de conférer pleinement un nouveau sens à cette industrie lithique.

Mais, aujourd'hui encore, le problème de fond posé par le Languedocien français et espagnol de même que le portugais, n'est pas tant la chronologie mais sa propre caractérisation morpho-technique et typologique. Le problème des dates n'est cependant pas le seul, pourtant il précède et survit à cette autre. Sans abandonner le problème chronologique, nous prétendons par ce travail approfondir la question conceptuelle à travers une analyse morpho-technique et une synthèse typologique démonstrant d'abord qu'il existe une industrie languedocienne autonome au sens plein; et ensuite que cette industrie présente des caractéristiques morpho-techniques et typologiques non seulement particulières mais aussi différentes de celles des industries lithiques paléolithiques, en

particulier des "pebble-cultures"

1. Introdução

Tivemos recentemente ocasião de estudar em profundidade um conjunto lítico muito vasto e homogéneo, que veio a revelar-se exemplarmente caracterizador da chamada "civilização", indústria, "fácies" ou técnica languedocense. Tratava-se da estação languedocense do Xerez de Baixo (Guadiana) ¹.

Manifestámos então, de forma muito sumária, a nossa perspectiva acerca do Languedocense em termos gerais. O estudo de uma estação concreta (e não apenas dos seus materiais) não era, por certo, a melhor oportunidade para o desenvolvimento de conceitos gerais — os quais, contudo, deixámos entrever e, sobretudo, considerávamos possível e pertinente tentar estabelecer. Assim, afirmávamos então: "fica aberta uma via que interessará aprofundar futuramente: a do estabelecimento de traços distintivos nas técnicas de trabalho da pedra e especialmente dos seixos, em períodos paleolíticos e pós-paleolíticos ... Aprofundar e sistematizar tal tipo de observações será uma tarefa importante e viável".

Retomamos, portanto, agora aquela questão deixada em suspenso: a da caracterização morfotécnica e tipológica do chamado Languedocense e, por via disso, a do estabelecimento dos "traços distintivos" referidos. Para tanto continuar-nos-emos a servir, no plano da exemplificação concreta, de materiais da estação do Xerez de Baixo, materiais especialmente típicos e diversificados.

2. A "questão" do Languedocense

O Languedocense é um exemplo particularmente fecundo quando se pretende discutir a real fundamentação das sistematizações tipológicas e culturais

¹ RAPOSO, L.; SILVA, A. C., A estação "Languedocense" do Xerez de Baixo (Guadiana). "Setúbal Arqueológica", 6-7, 1980-81, pp. 47-84.

² ID. - ibid.

estabelecidas pela chamada arqueologia pré-estatística. Desde a sua individualização em 1932 por Breuil, ele se constituiu em questão controversa por duas ordens de razões: cronologia e estatuto. A importância e o conteúdo específico de cada um destes dois aspectos não foram sempre idênticos ao longo do tempo. Hoje, depois de recentes trabalhos a que adiante nos referiremos, a questão cronológica parece já muito reduzida na sua importância; por isso não vamos aprofundá-la, senão na perspectiva da síntese que permita, em relação à questão do estatuto conceptual caracterizador do Languedocense, o desenvolvimento das nossas próprias perspectivas.

2.1. Atribuição cronológica

O Languedocense começa por ser para Breuil uma indústria do Paleolítico antigo, situada cronologicamente entre o Acheulense, de que proviria através de um processo de "degenerescência industrial", e o Mustierense. Ainda em vida e por iniciativa do próprio Breuil, ela foi sucessivamente rejuvenescida: contemporânea do Mustierense primeiro, contemporânea do Mustierense e do Paleolítico superior depois, contemporânea do Mustierense, do Paleolítico superior e com sobrevivência para épocas pós-glaciares finalmente. Breuil, contudo, jamais abdicaria de considerar o Languedocense como essencialmente paleolítico; como se verifica, apenas aceitou ampliar o leque possível da sua longevidade.

Após a morte do mestre, os seus discípulos, acima de todos Louis Méroc, aprofundaram presunções que já antes tinham acerca da datação principalmente pós-paleolítica daquela indústria, as quais se foram consolidando cada vez mais até produzirem sínteses que, se bem que não inteiramente satisfatórias ³, foram pelo menos consideradas melhor fundamentadas que as de Breuil ⁴. A mais importante delas ⁵ representa uma discussão muito completa das opiniões de Breuil e dos seus fundamentos. Estes vão sendo, um a um, relativizados, desde a contestação do papel "director" dos discos no Languedocense — o que, de resto, já o mesmo Méroc havia assinalado em anterior trabalho ⁶ — até ao mais decisivo de todos eles, o da existência de discos *in situ* no "loess recente" dos terraços do Garona, que Breuil datava do Würm e é actualmente considerado pós-würmiano. Para Méroc, como conclusão, não há qualquer evidência clara da existência do Languedocense, em

³ E daí que o Languedocense seja pura e simplesmente omitido na maioria das obras modernas sobre o Paleolítico.

⁴ Assim se explica que, quando é citado, o Languedocense o seja no âmbito das indústrias neolíticas, de base macrolítica, dos Pirenéus Atlânticos e Languedoc. Cf., por exemplo, GUILAINE, J. Les civilisations néolithiques dans les Pyrenées, in "Préhistoire Française", II, Paris, 1976. pp. 326-337.

⁵ MÉROC, L., Le languedocien de la Haute et moyenne vallée de la Garanne, in "Miscelánea en Homenage al Abate Henri Breuil (1877-1961)", II, Barcelona, 1963, pp. 149-172.

⁶ MÉROC, L., Le palet-disque des industries à quartzites taillés du bassin supérieur de la Garonne, in "Actas del Premier Congreso Internacional del Pirineo" (San Sebastian), Zaragoza, 1951.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

França, em período anterior ao Madalenense final, sendo esta indústria datável de "um mesolítico ou um neolítico antigo original, com possíveis recorrências

em culturas posteriores (Chasseense por exemplo)" 7.

Méroc estabelece mesmo a diferenciação entre um Languedocense típico (mesolítico) e um Languedocense (atípico) neolítico 8, que se "ligam muito naturalmente, enquanto é difícil compreender como tantos pontos comuns existem depois de um salto do Mustierense ao Bronze" 9.

Também em Espanha os trabalhos de Méroc e toda a problemática do Languedocense tiveram reflexos na década de 60. Em vários locais foram detectadas indústrias languedocenses invariavelmente em contextos duvidosa-

mente paleolíticos ou até nitidamente neolíticos 10.

Entre nós, contudo, a perspectiva de Breuil manteve-se sustentada pela abundância de achados que por não serem típicos de outra coisa o foram de um Languedocense mal definido e G. Zbyszewski, nas suas sucessivas sínteses sobre o Paleolítico português, manteve no essencial a concepção inicial. Em todas essas sínteses o Languedocense surge, grosso modo, entre o Acheulense e o Mustierense, com uma expansão no tempo balizada pelo Tirreniano II (Riss/Würm) e, no limite, pelo fim do Würm (Languedocense final), já que se reservaria o Flandriano (pós-Würm) para indústrias do tipo do Asturiense ou do Mesolítico clássico 11. Uma tal sobrevivência só é compreensível se tivermos em atenção, por um lado, a cristalização evidente da nossa arqueologia, especialmente a do paleolítico e, por outro lado, a ocorrência de achados (poucos) "languedocenses" em depósitos quaternários. O real significado destes achados é, no entanto, muito relativo, quer pelas dúvidas quanto à datação de tais depósitos, quer principalmente pela insuficiência quantitativa dessas pecas.

11 BREUIL, H.; RIBEIRO, O.; ZBYSZEWSKI, G., Les plages quaternaires et les industries préhistoriques du littoral de l'Alentejo entre Sines et Vila Nova de Milfontes, in "Communications présentées à la 7ème section du Congrès Luso-Espagnol pour l'Avancement des Sciences", VIII, Porto, 1943, pp. 48-62. ZBYSZEWSKI, G., Le Quaternaire du Portugal. "Bol. Soc. Geológica de Portugal", XIII, fasc. 1-2, Porto, 1958. ID., Conhecimentos actuais sobre o Paleolítico português, in "Comemoração do I Centenário da A.A.P.", II, Lisboa, 1966, pp. 109-133. ID., O Paleolítico

Português. "Enciclopédia Meridiano", I, Lisboa, 1974.

⁷ GUILAINE, op. cit. (v. nota 4). 8 Este diferiria daquele pela adição ao fundo languedocense comum de instrumentos de pedra polida e cerâmica.

MÉROC, op. cit. (v. nota 5). 10 É o caso da estação de Los Pascuales, Cabo de Salou (VILASECA, S., CAPDEVILA, R., La station numero 3 de Los Pascuales, Cabo de Salou. Una industria de cantos rodados, in "Cronica del XI Congreso Nacional de Arqueologia", Zaragoza, 1968, pp. 203-223), onde se encontrou um nítido e muito abundante conjunto languedocense em associação com um fundo de cabana, mós manuais, machados de pedra polida e outros elementos de um neolítico já avançado. Em "Els Vilas" (PITA, R.; QUERRO, J.; SARNY, H., El utilage de las Terrazas de "Els Vilas", en Aytona (Lérida), in "Cronica del X Congreso Nacional de Arqueologia", Zaragoza, 1967, pp. 172-181), os próprios discos, supostos "fósseis-directores", surgem associados a pesos de rede e pilões polidos, levando aqueles autores a afirmarem que "para nós estes discos talhados são sempre neolíticos ou posteriores".

O debate que Méroc conduziu em França ainda em vida e principalmente depois da morte de Breuil, começa no entanto por o travar entre nós Vítor Oliveira Jorge no início da década de 70 ¹². Os seus trabalhos a este propósito são fundamentais e, em larga medida, pioneiros. Situam-se, contudo, principalmente no plano da discussão teórica, não escorada em dados de campo nem revestida de uma formulação alternativa para a própria caracterização daquela indústria ¹³.

No imediato, os trabalhos de V. O. Jorge, certamente em resultado das suas insuficiências, não produziram nenhum efeito visível: o Languedocense continuou a ser o mesmo e alguns dos argumentos teóricos de V. O. Jorge foram, muito justamente, usados como resposta às suas observações, já que o rejuvenescimento de uma indústria algures (França e Espanha) não implicaria forçosamente, por si só, igual comportamento entre nós — o que seria feito por importação, "por preocupação de filiação apriorística em tipologias estrangeiras". A prazo, contudo, as observações de V. O. Jorge revelaram-se profícuas. Em primeiro lugar porque obrigaram "os investigadores da escola de Breuil" (como lhes chamou o próprio V. O. Jorge 14), a aprofundarem a sua reflexão acerca do próprio estatuto do Languedocense — processo já antes iniciado; em segundo lugar, em grande parte por via dessa reflexão, porque conduziram a que tais investigadores desbloqueassem os quadros de referência que os manietavam e pudessem assim ver mais e diferente naquilo que julgavam já ter visto.

É neste contexto que se devem compreender recentes trabalhos sobre o Languedocense litoral do Sul do país. Neles, diversos autores da "escola de Breuil", começam por manifestar dificuldades em distinguir naquela região o Mirense do Languedocense; por reconhecer, ainda que indirectamente, o limitado valor da seriação física do dito Languedocense, já que peças características de cada uma das séries se encontram indiferenciadamente em todas elas 15;

¹² JORGE, V. O., Tipologia e tipologistas do Paleolítico. "Arqueologia e História", série 9, III, Lisboa, 1971, pp. 77-98. JORGE, V. O.; SERRÃO, E. C., Materiais líticos da jazida pré-histórica do Porto da Boga, in "Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia", II, Coimbra, 1971a, pp. 79-92. JORGE, V. O.; SERRÃO, E. C., Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português. "Revista de Guimarães", LXXX, fascs. 1-2 e 3-4; LXXXI, fascs. 1-2, Guimarães, 1971b. JORGE, V. O., Conjuntos industriais de seixos afeiçoados do Sul de Portugal: aspectos e problemas (dissertação de licenciatura em História), Faculdade de Letras de Lisboa, 1972 (texto policopiado, disponível na biblioteca da Faculdade). JORGE, V. O., Complexos industriais de seixos afeiçoados no mundo: uma panorâmica. "Arqueologia e História", série 9, V, Lisboa, 1974.

¹³ O próprio V. O. Jorge reconhecia ambas estas facetas ao afirmar: "É concluir pouco, mas é superar muito do que já nos fez perder demasiado tempo". Cf. op. cit. (v. nota 12, 1974).

O que, aliás, é discutível e injusto porque, em certa medida, todos quantos se dedicam ao estudo do Paleolítico português pertencem objectivamente a essa mesma escola, já que os pontos de vista dela continuam a ser no fundamental o quadro de referência que urge superar.

¹⁵ ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH. C. T., Uma oficina de preparação de machados mirenses no languedocense de Vila Nova de Milfontes. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LV, Lisboa, 1971, pp. 139-163.

depois, e paralelamente, passam a usar entre aspas o próprio termo Languedocense, embora não expliquem porquê 16; finalmente, mercê do achado de estações que tudo indica serem muito ricas, exemplares e excepcionalmente bem conservadas 17, concluem que "o Languedocense final no nosso país, deverá ser de uma época contemporânea do final do Würm, ou mesmo pós--würmiana, com datação de entre 11 800 B.P. a 4000 B.P." 18, ou seja, "contemporânea de um período que vai do Paleolítico superior até aos princípios do Neolítico" 19. De notar a ambiguidade que permanece ao se considerar esta datação apenas para um "Languedocense" final, ou um "Languedocense costeiro recente", subentendo-se que se mantém válida a cronologia plistocénica (desde o Mustierense?) para um outro (ou o mesmo?) "Languedocense", antigo. Este, por seu lado, apenas se reconhece por um discutível processo de seriação física das peças (dando, aliás, origem a séries quantitativamente muito reduzidas) e pela ausência de elementos mirenses — o que conduz a uma definição pela negativa, apenas tendo por base positiva um refugo material, que corresponde a observações tecnológicas (muito mais que tipológicas, já que estas correspondem em larga medida a um fundo industrial incaracterístico ou comum a diversas indústrias) que, como veremos, não permitem minimamente a caracterização de qualquer indústria.

A muito recente síntese que reflecte já a perspectiva patente nestes trabalhos 20 é particularmente sugestiva. Nela, para além de uma evidente desarti-

terrâneo, Publ. Europa-América, Lisboa, [1981].

¹⁶ Fruto de uma reflexão acerca do estatuto conceptual ou da cronologia do Languedocense? Curiosamente, quando mais tarde novo conteúdo pleno (cultural) é dado ao Languedocense, as aspas continuam a não ser abandonadas, também aqui sem se perceber muito bem porquê.

¹⁷ Embora insuficientemente documentadas, já que para supostos acampamentos e/ou oficinas, com organizações espaciais interessantes, se não apresentam elementos básicos de análise, como plantas, mapas de distribuição dos achados, etc., continuando-se a aplicar a mesma metodologia que nos anos 40 levava a referenciar de passagem a ocorrência de "lareiras" ou "fundos de cabana" (cf. a propósito a nota 100).

¹⁸ ZBYSZEWSKI, G.; PENALVA, C., A estação paleolítica do Medo Tojeiro (Baixo Alentejo). Contribuição para o estudo do "Languedocense" costeiro. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LXV, Lisboa, 1979, pp. 231-237. Julgamos que a data de 4000 B.P. admitida neste trabalho seja efectivamente 4000 a.C., já que nos parece absurdo admitir uma sobrevivência tão grande de uma cultura "epipaleolítico-mesolítica" numa zona onde já existiriam importantes comunidades eneolíticas. O que obviamente é diferente de admitir a sobrevivência de um fundo morfotécnico e tipológico languedocense em comunidades neolíticas avançadas e até posteriores.

¹⁹ ID., ibid. A comprovar o carácter realmente muito recente desta aproximação (1979) está o facto de um dos seus autores ter ainda no ano anterior à mesma tecido as seguintes consideracões acerca dos machados mirenses e, indirectamente, do Languedocense, que como se vê continuava a considerar apenas paleolítico: "Será que acabam (os machados mirenses) mesmo no languedocense final (série IV b), ou será que existem com um fim útil até ao epipaleolítico" (PENALVA, C. Os machados do Paleolítico do Norte de África e a sua expansão na Europa Ocidental. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LXIII, Lisboa, 1978, pp. 413--436). De resto, para além de recente esta aproximação parece não ter sido ainda inteiramente assimilada pelos seus próprios actuais proponentes, os quais titulam o artigo onde a expõem como "a estação paleolítica do Medo Tojeiro", quando no texto concluem que contém um "languedocense costeiro epipaleolítico" (sublinhados nossos).

20 VEIGA FERREIRA, O.; LEITÃO, M. Portugal Pré-histórico — seu enquadramento no Medi-

culação interna, que aliás se estende a diversas outras questões que, como se compreenderá, não cabe aqui referir, surgem as mesmas novas posições que vale a pena comentar. De facto o Languedocense mantém aí as suas raízes no Tirreniano II, ou seja, no Riss/Würm (p. 50), atravessa todo o Würm e constitui ainda um "aspecto" do "Epipaleolítico/Mesolítico" europeu patente em Portugal, limitado contudo (por enquanto?) ao litoral e sobretudo à região compreendida entre Porto Covo e o Cabo de S. Vicente, embora com prolongamentos para o Algarve ²¹.

Desta síntese resultam duas possíveis leituras. A primeira seria a de admitir que uma mesma indústria ("civilização", no sentido clássico do termo) tenha podido sobreviver tão longamente, de há mais de 100 000 anos até cerca de 4000 a.C. — o que seria algo de muito estranho e único, senão absurdo, e sobretudo não sustentável pelos factos, se tivermos em conta o que escrevemos anteriormente. Resta-nos, portanto, a hipótese mais aceitável de se subentender uma diferenciação entre "civilização" e técnica languedocenses, sendo a primeira correspondente a um "aspecto" geograficamente limitado do "Epipaleolítico/Mesolítico" português, e a segunda mais vasta, com remotas raízes no Paleolítico inferior final, evoluindo progressivamente até se tornar em "cultura" específica. Em qualquer dos casos o dado fundamental que subsiste é o Languedocense pós-paleolítico — o que reduz a importância e a dimensão da "questão" cronológica tradicional ²².

2.2. Estatuto conceptual

No entanto, esta segunda perspectiva permite-nos passar a abordar uma outra questão: a da caracterização interna e, por via disso, do estatuto conceptual do próprio Languedocense. De facto, pode-se hoje dizer que a

²¹ De notar que não é aqui retida a perspectiva de G. Zbyszewski e C. Penalva (cf. op. cit. [v. nota 18]), segundo a qual esse Languedocense costeiro epipaleolítico mais não seria do que o Mirense, ao sul de Sines, e o Asturiense, ao norte do Douro (o que, aliás, deixa inexplicavelmente de lado, ou não considera, a existência languedocense de indústrias pré-asturienses naquela região). Esta perspectiva começava, no entanto, já a "fazer escola", alargando-se inclusivamente à região de Lisboa, onde aqueles mesmos autores e J. Cardoso (cf. ZBYSZEWSKI, G.; PENALVA C.; CARDOSO, J., Indústrias pré-históricas nas praias actuais da costa norte da Foz do Tejo. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LXV, Lisboa, 1979, pp. 239-251) vêem, entre outros, materiais "representantes do "Languedocense" costeiro no centro do país ... ponto de encontro das indústrias paleolíticas [!] e respectivos fácies do Norte e do Sul". A não retenção desta perspectiva, que apontava para um cordão litoral mais ou menos contínuo, ocupado pela referida "civilização" mais dificulta o tipo de questões e comparações que Zbyszewski e Penalva realizam e a que adiante nos referiremos (cf. 4. — Conclusões).

²² Ainda que mesmo aqui subsistam diferenças de opinião significativas, que só o futuro poderá esclarecer: é o Languedocense português estritamente epipaleolítico, ou holocénico em termos mais gerais, isto é, com sobrevivências importantes durante parte ou todo o Neolítico em termos regionais, tal como parece ter acontecido na zona francesa onde inicialmente foi detectado e, de certo modo, através de indústrias congéneres, em todo o Norte e Noroeste ibéricos, assim como no Vale do Guadiana (Xerez de Baixo)?; quais as raízes no Würm do Languedocense português epipaleolítico, será possível isolar indústrias ou "simples fácies" que correspondam a tais origens, qual o lugar de indústrias (ou pseudo-indústrias?) como o Ancorense neste contexto?

"questão" languedocense é cada vez menos um problema de datas e cada vez mais um problema de estatuto, de classificação, sendo talvez possível que um aprofundamento deste segundo aspecto conduza ao esclarecimento definitivo do

primeiro.

Se bem se reparar, dizer que há uma técnica languedocense antiga (desde o Riss/Würm) e uma "civilização" languedocense recente (pós-Würm) não representa nada de fundamentalmente inovador no plano conceptual ²³. Limita-se a repor, ao invés é certo, uma tese que Méroc nos dizia ser a de Breuil no final da sua vida: o Languedocense, como "civilização", teria nascido do Acheulense e sobrevivido até ao final do Paleolítico; o Languedocense, como técnica, teria continuado até à Idade do Bronze, "sob a forma de fácies regional, ligado a uma técnica de talhe imposta pela matéria-prima, feita de seixos rolados, e não a uma civilização autóctone" ²⁴. Em qualquer dos casos, estabelece-se quer a diferenciação entre técnica e "civilização" languedocenses, quer a enorme sobrevivência da primeira. Só que, na hipótese de Breuil, essa sobrevivência — a de uma técnica a uma civilização — é normal e muito frequente; no outro caso — o de uma técnica se manter apenas como tal ao longo de dezenas de milhares de anos, até se constituir numa "civilização" — essa mesma sobrevivência é algo de muito bizarro.

No entanto, qualquer destas perspectivas parte de bases que são, elas próprias, discutíveis e por isso interessaria analisar. Será o Languedocense uma indústria — e neste caso necessariamente localizável num tempo e num espaço definidos; ou será apenas uma técnica — e, neste caso, patente em que indústrias especificamente ²⁵? Ou será ainda que o Languedocense é uma indústria e uma técnica simultâneas e específicas — e, neste caso, apenas se poderia admitir uma sobrevivência "atípica" ²⁶ da segunda em relação à pri-

meira 27?

²⁴ Cf. MÉROC — op. cit. (v. nota 5). Em carta datada de 11/12/1956 Breuil afirmava, com efeito, que o Languedocense era "uma indústria paleolítica final que se continuou mais tarde" (apud SAHLY, Essai de synthèse de la civilization languedocienne, in "Miscelánea en Homenage al

Abate Henri Breuil (1877-1961)", II, Barcelona, 1956, pp. 309-317).

²³ Sê-lo-á talvez apenas em relação às concepções dos próprios autores que agora formulam tal perspectiva, os quais, como observou V. O. Jorge (cf. op. cit. [v. nota 12, 1974]) caminhavam no início da década de 70 para "considerar o languedocense mais como uma técnica de talhe do que como uma indústria", perspectiva que agora parecem abandonar ao conferir novamente sentido pleno (cultural) ao Languedocense.

²⁵ Neste caso, aliás, identicamente ao que observou F. Bordes a propósito do chamado "Levalloisense", não estaremos perante um verdadeiro Languedocense mas perante uma hipotética "técnica do Languedoc".

²⁶ Usa-se aqui esta expressão apenas por comodidade. Ela poderá corresponder quer à sobrevivência, no essencial, de técnicas e formas, apenas se assinalando a adição de novos elementos de diferente natureza (tal parece ter sido o que aconteceu ao Languedocense francês, segundo Méroc), quer à "degenerescência" de técnicas e formas, ou seja, a sua subsistência sob modalidades não inteiramente representativas (em extensão e/ou em profundidade) da indústria originária.

Note-se que os recentes trabalhos a que nos temos vindo a referir apenas aparentemente resolvem o problema. Ao conferirem novamente um sentido pleno ao Languedocense (sentido que, como veremos, tinha vindo a perder-se) eles tornam menos evidente a realidade que, contudo, subsiste e se resume numa muito insuficiente caracterização morfotécnica e tipológica daquela indústria.

A resposta a qualquer destas questões passa necessariamente pelo tipo e profundidade da caracterização morfotécnica e tipológica que se fizer. Todo o período que mediou entre Breuil e as recentes propostas dos seus mais óbvios continuadores, foi marcado pela progressiva descaracterização conceptual do Languedocense ²⁸, iniciada entre nós, de forma explícita e muito clarividente, por F. Bandeira Ferreira, em 1951 ²⁹. No entanto, um tal recuo, fruto sem dúvida da falta de dados seguros; da própria natureza do Languedocense, que no dizer de Breuil seria "a simplicidade, ela própria"; do estreito campo de manobra a que a sua errada atribuição cronológica inicial o conduzia; e do eventual reflexo dos trabalhos de rejuvenescimento conduzidos em França principalmente por Méroc, punha inevitavelmente em evidência a caracterização morfotécnica de base — a qual se revelava extremamente pobre ³⁰.

De facto, despojando o Languedocense de formas mais complexas que se tenha de ou possa incluir noutro lado, o que ficava? No essencial, apenas uma técnica de trabalho da pedra, principalmente dos seixos rolados, por percussão directa, originando um talhe vertical ou subvertical, periférico, "em escarpa". A partir desta caracterização tão sumária tudo era possível, nela poderia caber "tudo o que não podemos classificar". Efectivamente assim se assiste durante todo o longo período a que nos referimos atrás. A par das sínteses de Zbyszewski e do estudo que o mesmo autor faz de novas jazidas, respeitando aparentemente o conceito inicial de Languedocense, florescem toda uma série de pequenos trabalhos onde quase qualquer conjunto lítico, desde que incaracterístico, serve para afirmar a existência de Languedocense 31, ou de supos-

²⁸ "Parece, realmente, ser no sentido de considerar o "languedocense" português mais como uma técnica de talhe do que como uma "indústria" que se encaminham os investigadores portugueses da escola de Breuil": cf. JORGE — op. cit. (nota 12, 1974).

[&]quot;O languedocense é, não uma indústria típica de determinado período (sendo, portanto, muito vagas as expressões como "época languedocense"), mas uma técnica de fabrico de utensílios, a partir de seixos rolados, conhecida e usada em várias épocas" (Bandeira FERREIRA, F. — Notícia de novos achados na estação arqueológica da Ponta do Cabelo (Costa da Caparica). "O Arqueólogo Português", Nova Série, I, Lisboa, 1951, pp. 117-123). Neste trabalho, chega este autor a admitir uma datação eneolítica para o "languedocense" que, em grande abundância, encontra associado superficialmente a cerâmica e outros elementos holocénicos.

³⁰ V. O. Jorge viu neste movimento um processo sem dúvida perigoso, que resumiu no seguinte: "Dizer que o nosso "Languedocense" não é uma indústria mas sim uma técnica, equivale a manter o conceito, a continuar a apartar no momento da classificação o mesmo grupo de peças, e a tornear o problema, subindo um degrau de abstracção: a dentro de uma técnica cabe tudo o que não podemos classificar": JORGE — op. cit. (v. nota 12, 1972 e 1974). Concordamos e fazemos também nossa esta advertência mas, diferentemente do seu autor, não cremos serem "observações tipológicas pouco precisas" que apoiam "conclusões técnicas demasiado gerais"; pelo contrário, pensamos que, estas sim, conduzem àquelas, como aliás é óbvio e necessário do ponto de vista teórico, ainda que a aparente sequência cronológica dos acontecimentos possa fazer supor o contrário. De facto, a síntese tipológica não pode preceder a análise morfotécnica; é esta que precede aquela e isto é especialmente importante para perceber o processo de identificação e afirmação autónoma do Languedocense.

³¹ Dois exemplos: RIBEIRO, M. Breve notícia sobre o Paleolítico da Glória, in "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", I, Lisboa, 1959, pp. 83-88: uma série de

tas "afinidades" com o mesmo ³². Nestes termos, partindo de uma tão deficiente caracterização técnica, seria evidentemente possível "ver" Languedocense do Olduvaiense à actualidade. A generalidade nos conceitos operatórios está na razão inversa da pertinência, e quando a primeira se sobrepõe à segunda bem

se pode considerar caduco o conceito.

Foi para isto que V. O. Jorge chamou repetidamente a atenção, afirmando a necessidade da caracterização do Languedocense "nos termos das tipologias modernas" — o que no entanto não chegou a fazer. Ora se tal era já então necessário, muito mais agora que, como vimos, novo conteúdo cultural é dado àquela indústria essa revisão se impõe. Aquele mesmo autor avançava uma perspectiva geral que pode servir de ponto de partida para a reflexão e consequente caracterização que agora tentamos. Vejamo-la: "parece evidente que estamos perante exemplos de uma "pebble-culture" contemporânea de outras "indústrias" mais evoluídas, exemplos cujo paralelismo resulta de um fenómeno de convergência" 33; os Languedocenses francês e português "não são mais do que indústrias de seixos relativamente recentes" 34.

Não cremos que V. O. Jorge tenha inteira razão na sua apreciação. Sem dúvida que no sentido amplo a que se refere L. Zotz 35 estamos também aqui perante uma "pebble-culture"; mas perguntamo-nos se uma tal asserção não será ela tão generalizante e mistificadora como a da caracterização técnica do Languedocense nos termos atrás referidos. Mais: por "pebble-culture" entende-se normalmente, como o próprio V. O. Jorge salienta, indústrias de "utensílios frustes, obtidos por talhe mais ou menos periférico de um seixo" 36— o que de modo algum esgota toda a riqueza de formas e de execução técnica do Languedocense, entendido nos termos em que ele pode e deve ser descrito 37. Se assim não fosse, quase teríamos de abdicar à partida

nove peças, num local, e de apenas uma peça (!), noutro (uma "peça talhada em ponta fortemente patinada com alguns vestigios de erosão eólica"), de superfície, constituem a "serie languedocense" do Paleolítico da Glória, certamente por comparação, infeliz, com o método e as conclusões das recolhas de Breuil e Zbyszewski na mesma região. ALMEIDA, F.; FERREIRA, O. Veiga — Descoberta de uma estação Languedocense em Idanha-a-Velha, in "Actas das I Jornadas Arqueológicas da A.A.P., I, Lisboa, 1970, pp. 235-238: uma "série de peças", de que se descrevem apenas as oito mais significativas, todas de superfície e sem contexto regional (dois "calhaus raspadores"; um "raspador transversal sobre calhau"; um "núcleo espesso"; um "calhau de quartzito quase circular, espesso, trabalhado em raspador nucleiforme"; um "raspador nucleiforme (sobre calhau)"; um "calhau espesso (núcleo)"; um "grande calhau truncado") são para os autores o vestígio de um acampamento languedocense que "poderia ter pertencido a homens que viveram entre os fins do último interglaciar e a glaciação do Würm" (!).

³² Um exemplo: DIAS, J.; ZBYSZEWSKI, G. — Deux instruments de morphologie paléolithique au Nouveau-Mexique", apud JORGE — op. cit. (v. nota 12, 1972).

JORGE — op. cit. (v. nota 12, 1971).
 ID. — op. cit. (v. nota 12, 1974).

³⁵ ZOTZ, L. Pebble-culture en Europe Centrale, in "La Préhistoire, problèmes et tendences", CNRS, Paris, 1968, pp. 517-526.

³⁶ JORGE — op. cit. (v. nota 12, 1974).

³⁷ No fundo, o que parece subentendido em V. O. Jorge é a aceitação subconsciente da caracterização técnica primária que lucidamente contesta, ou pelo menos a convicção da impossibilidade de alternativa para a mesma — o que não se deve estranhar se tivermos em vista que não

de conseguir encontrar nele traços distintivos suficientemente importantes para conduzir à sua individualização como indústria, até porque seria muito difícil encontrar formas e técnicas ainda não descritas, mesmo apenas no caso das "pebble-cultures" pré-acheulenses (P. Biberson 38, por exemplo, estabelece uma sequência e inventaria um conjunto de formas e técnicas muito vasto).

O nosso ponto de partida é o de que, tratando-se o Languedocense de uma indústria (no sentido pleno da palavra) pós-paleolítica, coerente e integrada num processo natural de desenvolvimento das técnicas, ele deve conter manifestações morfológicas e técnicas específicas e necessariamente desenvolvidas. Manifestações que, depois de inventariadas, se poderão traduzir na identificação de regularidades conducentes ao isolamento de determinadas formas e/ou técnicas paradigmáticas: os tipos. Como é evidente, numa indústria que, sem ser em nosso entender uma "pebble-culture", está, apesar de tudo, algo condicionada pela matéria-prima, a análise tipológica, em sentido lato, deve partir de bases sólidas, de uma amostragem exemplar, que depois pode servir para comparação com as ideias já estabelecidas e ser ela própria por estas aferida.

Deve dizer-se que uma tal perspectiva de trabalho não é inteiramente nova, dado que foi já anteriormente iniciada, ainda que rudimentarmente, por J. Cardoso, ao procurar estabelecer uma individualização para o Languedocense duma estação por si descoberta e publicada ³⁹; estação que, pelas suas condições de jazida e individualização de materiais, não fora a manifestada insuficiência numérica da série languedocense (que não chega a atingir 100 artefactos, não sendo representativa, nem em extensão nem quanto à distribuição percentual da sua constelação de instrumentos, da totalidade da indústria languedocense), se poderia revelar preciosa para uma melhor caracterização do Languedocense do vale do Tejo. No entanto, assim mesmo, a simples confrontação entre as curvas cumulativas ⁴⁰ dos clássicos "Languedocenses" do baixo vale do Tejo e a deste suposto e por certo verdadeiro Languedocense é já altamente significativa, sendo as diferenças notadas atribuídas pelo autor à

dispunha nem de uma metodologia, nem de uma caracterização de facto, morfotécnica e/ou tipológica, situação reconhecida e razoavelmente explicada pelo próprio em termos de "dinâmica diferente" entre o plano da reflexão teórica e o da execução prática.

³⁸ BIBERSON, P. — Fiches typologiques Africaines — 2ème cahier, 1967.
³⁹ CARDOSO, J. L. A jazida Paleolítica do Vale da Fonte (Belver). "Setúbal Arqueológica", IV, 1978.

⁴⁰ Estas curvas cumulativas, elas próprias, porque realizadas a partir de uma lista-tipo de base discutível, deveriam ser objecto de uma apreciação mais completa. De facto, ZBYSZEWSKI, G.; CARDOSO J. L. — As indústrias paleolíticas do Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do Baixo Tejo. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", CXIII, 1978, pp. 547-609, estabelecem uma lista-tipo para o Paleolítico inferior e médio do baixo vale do Tejo lista-tipo que, para além de ser de "aplicabilidade apenas regional", tem por base uma tentativa de pôr ordem "no reconhecimento empírico dum certo número de formas importantes, segundo a terminologia" de G. Zbyszewski. É evidente a extrema importância duma perspectiva como esta e estamos certos que o trabalho em causa constituirá no futuro um dos principais marcos e pontos de referência na análise da obra da chamada "escola de Breuil". No entanto, para além de uma

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

"conhecida longevidade do Languedocense, cuja duração se estendeu do Paleolítico Médio ao Neolítico, inclusive". Para além da ideia da enorme (absurda?) longevidade de uma suposta cultura, que ali se assume ⁴¹, o que ressalta à evidência é a fragilidade de seriações clássicas que arbitrariamente estabelecem triagens apriorísticas, não resistindo as "séries" daí resultantes ao confronto com conjuntos de recorte cultural pretensamente idêntico.

Haverá, portanto, que retomar, em termos sistemáticos e despidos de apriorismos, a caracterização do Languedocense, enquanto indústria lítica. Para tanto bastará a possibilidade de aceder a um conjunto lítico com as

seguintes características básicas:

— completo, e não apenas constituído por "peças seleccionadas relevando de conjuntos complexos", como estima J. Guilaine 42, que se possa ter pas-

sado até aqui;

— homogéneo, onde os riscos de associação com outras indústrias sejam mínimos, o que só pode ser conseguido em horizontes estratigraficamente selados ou de superfície, mas uniformes em termos físicos, locais (não de transporte) e únicos (não resultantes de seriações prévias);

— numeroso, ou seja, tão representativo que possa ser objecto de estudo estatístico e tão diversificado, que probabilisticamente garanta uma representa-

ção total de formas e técnicas.

Qualquer destas condições está presente na estação do Xerez de Baixo,

crítica específica à formulação de cada tipo e à sua própria individualização no interior de cada indústria lítica, para além de uma crítica global aos princípios metodológicos que apenas levam ao isolamento "empírico de um certo número de formas importantes", de que a lista-tipo é um estreito reflexo, para além deste e doutro tipo de comentários fundamentais que podem pôr em causa a validade operatória de uma tal lista-tipo (e deverão por isso ser retomados no futuro em lugar próprio), interessa aqui desde já chamar a atenção para a fragilidade da aplicação, a regiões diferentes da originária e a diferentes conjuntos industriais, de um mesmo espartilho (ainda que chamado "lista-tipo"). Assim se correrá, no mínimo, o risco de filtrar tudo o que é diferente à luz de padrões pré-estabelecidos (aliás discutíveis eles próprios), pura e simplesmente não vendo ou chamando variantes àquilo que verdadeiramente é específico de cada indústria.

⁴¹ Uma leitura atenta da interpretação cronológica apresentada neste trabalho revela-se particularmente rica de consequências. De facto, ao considerar-se (mal, em nossa opinião) ser este Languedocense de Belver "possivelmente contemporâneo do Mustierense", atribuindo as diferencas notadas entre ele próprio e o do baixo vale do Tejo à "conhecida longevidade do Languedocense", está-se necessariamente a pôr em causa toda a formulação clássica de H. Breuil e G. Zbyszewski, que consideravam, particularmente naquela região, ser aquela indústria totalmente homogénea e, até por isso mesmo, inteiramente paleolítica (sobrepondo-se até ao Mustierense, quase inexistente na zona). Se assim fosse, seria obviamente insustentável atribuir as diferenças verificadas a qualquer "longevidade" diferencial, que então não existiria. Perguntamo-nos portanto: se o clássico "Languedocense" do baixo vale do Tejo (pelo menos o de Alpiarça) é afinal um conjunto poligenético, cobrindo uma época que vai "do Paleolítico Médio ao Neolítico, inclusive", evidentemente diverso do verdadeiro Languedocense de Belver, que bases sólidas subsistem para manter neste uma atribuição paleolítica, e ainda por cima "possivelmente contemporâneo do Mustierense"? Apenas os "dois núcleos discóides" aí descobertos, que, em nossa opinião, nada significam quer em termos tipológicos estritos, quer em termos quantitativos? Há que reconhecer ser manifestamente pouco.

⁴² GUILAINE - op. cit. (v. nota 4).

que nos serve de base exemplificativa para a caracterização que a seguir iremos tentar. Inversamente, qualquer destas condições, também, é frequente faltar nas estações onde se tem identificado o Languedocense ⁴³.

3. Tentativa de caracterização

A caracterização de uma indústria lítica, primeiro morfotécnica e depois tipológica, não parte do nada (da neutralidade absoluta), por maior que procure ser a objectividade do observador. Este deverá apenas explicitar e fundamentar os seus critérios, procurando que eles sejam tão amplos (recobrindo a maior gama possível de abordagens) e abertos quanto for viável. Esta preocupação tivemo-la quando um de nós ⁴⁴, em anterior ocasião, expôs uma perspectiva de abordagem tipológica que, aplicada embora a um conjunto lítico determinado, se pretendia com validade universal. Nessa altura apresentámos uma bateria de fichas de análise tipológica, para diferentes grupos de peças ⁴⁵, as quais reuniam em cada caso uma lista estandardizada, exaustiva e hierarquizada de atributos de análise. Seguiremos nas linhas que se seguem essa lista, retendo dela as suas partes pertinentes para este caso, remetendo a sua melhor fundamentação e explicitação para o trabalho atrás indicado e para outros nele referidos.

3.1. Caracterização morfotécnica

3.1.1. Dimensões

As três principais dimensões (comprimento, largura, espessura) e as relações que entre si estabelecem (índices de alongamento e de espessura) não têm, no caso do Languedocense, igual importância. Assim:

Índice de espessura

É um dado fundamental na caracterização do conjunto dos artefactos sobre bloco. Grande percentagem deles e, sobretudo, a quase totalidade dos que apresentam as características de talhe e retoque que adiante se salientarão, são achatados ou muito achatados. Este facto não é estranho; ele tem sido regularmente notado ao longo do tempo, a tal ponto que, que por vezes se

⁴³ Qualquer destas condições parece ausente na generalidade das estações onde ao longo dos anos se tem "identificado" o "Languedocense", inclusive as mais clássicas do baixo vale do Tejo. Exceptuam-se alguns locais recentemente publicados e os chamados "acampamentos" e/ou "oficinas" mirenses — os quais constituem realidades autónomas e poderiam talvez ser objecto de uma análise mais aprofundada, idêntica à que aqui tentamos.

⁴⁴ RAPOSO, L. O Acheulense do Monte do Famaco (Ródão) — O. Métodos de análise, comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia (Faro, 1980).

⁴⁵ Designadamente seixos afeiçoados e lascas, grupos que recobrem o chamado Languedocense, já que formas mais complexas, como os protopicos e picos, *hachereaux*, bifaces, etc., pela sua pequena representação numérica, podem sem grande prejuízo a este nível ser integrados no grupo geral dos seixos ou, mais rigorosamente, dos artefactos sobre bloco, por oposição às lascas (artefactos sobre lasca).

constitui como elemento principal desta indústria 46. O que já não é tão referido (e nunca o foi, que saibamos, de forma explícita) é o facto de tal característica morfológica se manifestar não apenas pela escolha intencional de seixos naturalmente achatados (figs. 1, 2, 11, 13, 16, 17, etc.), mas também, e muito nitidamente, pelos seguintes dois processos:

a) escolha de seixos clivados segundo planos paralelos ao do reverso, tor-

nando-se por esta circunstância achatados (figs. 18 a 26);

b) execução de lascas segundo planos idênticos aos anteriores, obtendo-se igual resultado e trabalhando-se depois a lasca como se de um seixo se tratasse (figs. 7, 27 a 31).

Esta intenção, a de obter instrumentos achatados, é seguramente uma das mais marcadas nesta indústria.

Índice de alongamento

Este índice não é já tão revelador como o anterior. Na maior parte dos casos ele é baixo, o que se deve relacionar com as formas dominantes que adiante se enumeram. Mesmo no caso de peças com gumes convergentes, isto é, onde é possível encontrar uma forma apontada e, portanto, uma relação comprimento/largura superior, em princípio, a 1, tal índice raramente ultrapassa o valor 1,5 (peças alongadas) — o que significa predominância (mesmo nos protopicos e picos, bifaces e "unifaces") de artefactos largos e muito largos. Esta característica foi notada pelo próprio Breuil, no quadro da definição "proto-asturiense" dos picos languedocenses ⁴⁷ e retomada por Zbyszewski ⁴⁸, para os "coup-de-poings degenerados" desta indústria.

Tamanho

Trata-se de uma dimensão muito variável no conjunto dos materiais. Há talvez, em termos exclusivamente quantitativos, uma tendência geral para o emprego de seixos pequenos ou médios, mas tal circunstância deve resultar

⁴⁶ BREUIL, H., Terasses et quartzites taillés de la haute vallée de la Garonne, "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 34, n.º 2, Paris, 1937. MÉROC — op. cit. (v. nota 5). ZBYS-ZEWSKI — op. cit. (v. nota 11, 1966 e 1974). H. Breuil chega mesmo a afirmar: "O objecto mais característico (do languedocense) é o seixo achatado, arredondado, de talhe unifacial e curto" apud SAHLY — op. cit. (v. nota 24).

⁴⁷ Picos "largos, unifaciais", por oposição aos "picos alongados e estreitos", verdadeiramente asturienses. BREUIL, H. et al. Industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (La station de Carreço). "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", XŁVI, 1962, pp. 54-132. Note-se que o valor industrial e cronológico desta distinção é duvidoso, em primeiro lugar por tudo o que já dissemos acerca da datação do Languedocense; em segundo lugar pelo que também dissemos acerca da sua precária caracterização. E quer num caso, quer noutro, identicamente para o suposto "Asturiense" galaico-português. Veja-se a propósito: MAURY, J. — L'Asturien du Portugal (BAR Suppl., Séries 25), 1977. CLARK, G. A. — El Asturiense Cantábrico (Biblioteca Praehistórica Hispana, XIII), 1976.

⁴⁸ ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11), 1966.

mais do tipo de artefacto pretendido do que de uma selecção apriorística da matéria-prima disponível (aliás, esta varia bastante de local para local e pode por isso induzir em erro o observador). Existe uma certa associação entre as formas de maior dimensão e os percutores e parte dos "núcleos de tipo especial" de que nos fala Méroc e adiante referiremos. Mas a mais clara associação é entre os seixos pequenos e muito pequenos (eixos-maiores morfológicos/larguras-máximas morfológicas respectivamente inferiores a 9/7 cm e 5/3 cm) e o tipo de talhe e retoque muito fino que adiante se descreverá (figs. 1 a 5).

3.1.2. Formas

Numa indústria que tem como matéria-prima seixos rolados, cujos contornos se não alteram substancialmente, é difícil estabelecer formas bem padronizadas em termos genéricos. As únicas formas que se revelam mais importantes para o conjunto dos materiais são as circulares, sendo patente que o talhe e retoque praticados procuraram aproveitar e nalguns casos acentuar essa característica, que já é própria da maior parte dos seixos. Estas formas, circulares, subcirculares ou "arredondadas" têm sido regularmente referidas. Parece-nos, porém, duvidoso que elas tenham de facto um valor decisivo, já

que dependem essencialmente da matéria-prima disponível.

Significativa sim, e directamente ligada com esta questão, mas não se confundindo com ela, parece ser a intenção de obter gumes activos na maior parte dos contornos dos seixos, o que, necessariamente, dadas as características do talhe e retoque, conduz a formas circulares. Em relação às formas mais complexas, ou seja, àquelas que modificam substancialmente a silhueta original do seixo e que ocorrem em tipos como os bifaces e "unifaces", os protopicos e picos, os hacheraux, os discos, etc., é muito difícil estabelecer padrões de formas, uma vez que elas se estendem das subtriangulares às ovais, passando pelas amigdalóides. O caso particular dos discos (formas circulares perfeitas) põé o problema da possível relação formal entre eles próprios (figs. 47, 48, 49) e os seixos mais ou menos circulares, que frequentemente apresentam um contorno total também circular, mas apenas parcialmente talhados (figs. 50, 51, 52). G. Zbyszewski tem regularmente notado este tipo de seixos ("calhaus trabalhados em mais de 3/4 da periferia") mas, que saibamos, nunca os associou, quer em termos tipológicos estritos (realizações diferentes do mesmo tipo: subtipos), quer em termos puramente formais (no sentido da evolução de umas formas para as outras).

3.1.3. Características técnicas gerais

Natureza petrográfica

Trata-se talvez de um elemento caracterizador fundamental, quer estritamente em termos técnicos, quer sobretudo em termos culturais — embora estes sejam difíceis de avaliar. De facto, para além de uma dependência em

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

relação à matéria-prima disponível ⁴⁹, que pode ir das rochas eruptivas (ácidas como o granito ou básicas como o basalto) às sedimentares (principalmente o grés), passando pelas metamórficas (gerais como o gnaisse ou o quartzito, ou de contacto como as corneanas), para além disto, há sobretudo uma escolha intencional, não tanto quantitativa quanto qualitativa (selectiva), das rochas locais, pouco duras, menos compactas, mais ou menos xistosas ⁵⁰— o que poderá ter algum significado dentro da caracterização cultural de determinadas comunidades epipaleolíticas e neolíticas locais, entre as quais as languedocenses ⁵¹.

Massa inicial

Esta indústria assenta essencialmente nos seixos rolados. No entanto, tal como Breuil ⁵² e Méroc ⁵³ notaram, o número de lascas é muito elevado, talvez superior a 50%. Sendo verdade, como se verá adiante, que a maioria delas foi utilizada e/ou mesmo objecto de trabalho secundário (talhe e/ou retoque) deve observar-se que, contrariamente a uma primeira impressão, o número de utensílios sobre lasca é muito importante — sintoma de carácter evoluído da indústria e argumento adicional para considerar forçada a sua designação, tout court, como "pebble-culture".

Cor, patina

Estas características são tradicionalmente muito consideradas. Breuil ⁵⁴ refere o Languedocense como uma indústria "não desgastada", nem "descolorida" e a "frescura das arestas" é uma critério importante para a definição, em geral, das séries languedocenses menos discutíveis. É óbvio que, tratando-se de uma indústria pós-paleolítica, o grau de rolamento, pátina e alteração cromática dos artefactos nunca pode ser muito intenso (embora possa haver diferentes gradações de qualquer destas categorias) e por isso — se mais não fosse — este critério é secundário na identificação desta indústria. No âmbito deste conjunto de atributos (estado físico), as fracturas originadas por motivos térmicos, anteriores ao talhe, têm também alguma importância, de acordo com o que afirmámos a propósito do índice de espessura.

Vestígios de utilização

Este aspecto é seguramente um dos principais elementos caracterizadores desta indústria e, eventualmente, um importante traço distintivo entre as in-

⁴⁹ ID. — op. cit. (v. nota 11), 1958.

⁵⁰ BREUIL — op. cit. (v. nota 46).

⁵¹ DUCHANGE, C. — Les outillages en roches locales du Bassin de Tarascon-sur-Ariège. Essai de typologie préliminaire (Néolithique. Âge du Bronze). "Préhistoire Ariègoise", XXXIII, 1978, pp. 115-123.

⁵² BREUIL — op. cit. (v. nota 46).

⁵³ MÉROC — op. cit. (v. nota 5).

⁵⁴ Breuil — op. cit. (v. nota 46).

dústrias líticas paleolíticas e pós-paleolíticas, denunciador de estatutos económicos previsivelmente diversos ⁵⁵. Pode-se entender por vestígios de utilização quer o *tipo*, quer a *extensão* dessa mesma utilização. Um e outra são muito significativos.

Em relação ao primeiro observam-se dois grandes tipos de utilização:

- a) microdenticular, mais ou menos contínua e intensa trata-se de uma utilização normal, comum à generalidade das indústrias líticas (ainda que mesmo aqui um exame traceológico atento, à lupa binocular, pudesse revelar subtipos diferenciados, ligados a acções específicas);
- b) muito intensa e violenta, conducente ao "massacramento" das arestas ou, no mínimo, tornando-as rombas trata-se de uma utilização que afecta grande parte dos instrumentos sobre bloco e quer pelas suas características intrínsecas, quer pela amplitude que assume é estranha genericamente às indústrias líticas paleolíticas (figs. 14, 34, etc.). Esta será, porventura, uma utilização ligada a acções de "martelamento" ⁵⁶, sendo por vezes difícil de distinguir entre ela e a que obviamente resulta da acção de percussão para a realização de instrumentos. De resto, o número de percutores que os vários autores indicam para os conjuntos que classificam de languedocenses é geralmente elevado, se comparado com as indústrias do Paleolítico; este número torna-se ainda mais importante quando acrescido dos seixos trabalhados e depois nitidamente usados como percutores. No caso da estação do Xerez de Baixo, a percentagem de uns e outros atinge cerca de 1/4 da totalidade dos artefactos sobre bloco e diversos.

Quanto ao segundo aspecto — a extensão dos vestígios de utilização, isto é, a sua representação nos diversos grupos morfotécnicos e/ou tipológicos — é de salientar que a quase totalidade dos artefactos, incluindo as lascas, apresenta aparentemente vestígios de utilização; exceptuam-se, no caso dos artefactos sobre bloco, parte dos núcleos e algumas formas especiais cuja utilização não deixou marcas visíveis (peças de entalhes laterais, ditos "pesos de rede", por exemplo) e, no caso de artefactos sobre lasca, as esquírolas de talhe e as lascas residuais.

3.1.4. Talhe

Esta categoria e a que se segue (retoque) constitui o núcleo central da caracterização técnica de uma indústria. De forma mais ou menos explícita e profunda é nela que se centram normalmente todas as descrições clássicas de

Não será a tipologia, cada vez mais, à medida que o possa ser (não especulativamente mas baseada em critérios objectivos), o estudo das funções (ou das acções/actividades, se quisermos), através dos vestígios físicos que os seus efeitos provocam?

⁵⁶ LAMING-EMPERAIRE, A. — Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul (Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica, Manuais de Arqueologia, 2), Univ. Federal do Paraná, Curitiba, 1967.

um conjunto lítico — inclusive o languedocense. Ela pode ser abordada sob diversos aspectos.

Vejamos os mais significativos:

Tipo de lascamento e percutor

É muito difícil estabelecer com rigor, sem uma grande experiência — que não possuímos —, qual o tipo concreto de lascamento e percutor utilizados em cada caso. No entanto, dentro de certos limites e atendendo aos artefactos no seu conjunto, é possível afirmar que a grande maioria das peças desta indústria terá sido obtida por percussão directa através de percutor duro. Não se exclui, antes se admite como provável, que certo tipo de peças, designadamente os seixos de talhe e retoque muito fino a que adiante nos referiremos, possam ter sido obtidos através de percutor mole ou elástico. No entanto, tal caso, embora significativo, terá sido numericamente limitado. Para além deste tipo de talhe está também presente o lascamento sobre bigorna ⁵⁷, representado quer por levantamentos bipolares, quer por percutores-bigornas — "placas de xisto ou de gnaisse que serviram de pratos ou bigornas" ⁵⁸. As dificuldades de observação, a monotonia e a vulgaridade de qualquer destas modalidades fazem com que este aspecto não seja particularmente significativo na caracterização desta indústria.

Modo 59

Trata-se de um dos aspectos tradicionais que caracterizam o Languedocense, na modalidade do talhe subvertical 60. De facto assim é, e se anteriormente chamámos a atenção para a insuficiência de uma definição baseada quase exclusivamente neste critério, não quisemos com isso dizer que ele não era importante mas tão-só insuficiente. E largamente insuficiente, já que nos parece abusiva a ideia de que, por oposição a esta, indústrias do tipo do Acheulense seriam dominadas, ao nível dos seixos afeiçoados, por um talhe oblíquo ou mesmo sub-horizontal. Talhe vertical ou subvertical sempre houve, desde a chamada "civilização do seixo afeiçoado" 61, até tempos históricos 62. De igual modo nos parece despropositado interpretar esta caracterís-

⁵⁷ ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11).

⁵⁸ ID — ibid.

⁵⁹ Inclinação do talhe, podendo ser: horizontal, sub-horizontal, oblíquo, subvertical, ver-

⁶⁰ De notar que esta característica só é válida para o talhe do anverso, já que o reverso (aliás quantitativamente pouco representado, dada a larga predominância dos seixos unifaciais) é geralmente oblíquo ou mesmo sub-horizontal (fig. 19) — o que pode ser interpretado segundo duas perspectivas: a) estritamente técnica: tratar-se-ia de um talhe de preparação para o do anverso; b) técnico-cultural: relacionado com o achatamento intencionalmente pretendido.

⁶¹ BIBERSON, P. — Le Paléolithique Inférieur du Maroc Atlantique (Publications du Service des Antiquités du Maroc, fasc. 17), Rabat, 1961.

⁶² Cf., por exemplo, WHITE, P. Sitou naip bilong Tumbuna: the living stone-age in New-Guinea, in "La Préhistoire — problèmes et tendances", CNRS, Paris, 1968, pp. 511-516.

tica do talhe e as suas diferentes modalidades em termos de uma maior ou menor habilidade do artesão pré-histórico, como já foi tentado fazer ⁶³. Reconhecendo a forte percentagem do talhe vertical e subvertical no conjunto dos artefactos sobre bloco desta indústria, cremos porém que:

a) ela não é talvez a mais importante característica, até porque tem um

valor diagnóstico muito limitado;

 ela deve estar muito mais relacionada com a funcionalidade (gumes robustos) e as formas (designadamente circulares) pretendidas, do que com qualquer outro factor técnico mais ou menos aleatório ou especulativo.

Orientação

Para além da informação que este atributo nos dá acerca da percentagem relativa entre o talhe unifacial e bifacial 64, sendo notória a predominância do primeiro, deve-se ainda aqui referir uma outra característica que reportamos de fundamental: a do talhe alterno. O primeiro aspecto (talhe unifacial) aponta não tanto talvez para um "sabor arcaico", que de resto não encontraria correspondência noutros factores 65, mas, mais uma vez, para a acentuada intenção em obter formas dimensionadas de acordo com as características expostas anteriormente. Quanto ao segundo aspecto (talhe alterno), ele é muito importante nesta indústria. Trata-se de um talhe composto por duas ou mais séries de levantamentos, frequentemente em lados opostos convergentes, sendo uma obtida do reverso para o anverso e a outra no sentido contrário. Esta circunstância conduz a peças de secção paralelograma, estendendo-se a diversos tipos: seixos afeiçoados (figs. 32 a 37), "pesos de rede" (figs. 78, 80), bifaces, etc., e parece figurar numa grande parte das coleções ditas languedocenses (embora raramente seja explicitado), desde a própria estação de Camposancos 66 até às estações languedocenses espanholas, onde S. Vilaseca e R. Capdevila 67 dizem ser o "retoque alterno tipo frequentíssimo entre os seixos rolados e lascas de sílex de todas as jazidas que temos explorado nesta zona". Qual o significado funcional ou a explicação cultural desta técnica particular é coisa que desconhecemos; limitamo-nos a assinalá-la, certos da sua especificidade.

64 E não uni- e bidireccional, terminologia já há muito abandonada pelos equívocos que contém (cf. BORDES, F. — Question de vocabulaire: galets aménagés à taille unie ou bidirectionnelle, Bulletin de la Société Préhistorique Française, tome 68, fasc. 3, Paris, 1971, pp. 73-74).

⁶⁶ FONTES, J. — Estação paleolítica de Camposancos (Pontevedra, Galiza). "Brotéria", I, Lisboa, 1925, pp. 7-16. Nas figs. 3 e 4 apresentam-se coup-de-poings com esta característica.

67 VILASECA; CAPDEVILA - op. cit. (v. nota 10).

⁶³ PENALVA — op. cit. (v. nota 19).

⁶⁵ O princípio de que existe uma progressão na complexificação das formas, linear desde o seixo unifacial truncado, até ao seixo poliédrico, progressão essa paralela até à própria progressão cultural e cronológica das comunidades, embora aceitável em tese, é de aplicação muito problemática. BIBERSON, op. cit. (v. nota 61), estabelece-o de facto, mas a tendência hoje é para relativizar tal tipo de sistematização, especialmente, como tem sido o caso entre nós, quando elas se baseiam em recolhas de superfície seriadas aprioristicamente através de métodos discutíveis.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

Número de levantamentos

Dominam os artefactos com grande número de levantamentos, o que significa apenas a ocorrência de sequências gestuais complexas.

Localização e amplitude

Destes dois atributos, ligados entre si, é o da amplitude que mais interesse tem. Da mesma forma que se tem salientado a inclinação subvertical do talhe, assim se tem feito notar a sua amplitude marginal ou periférica. De facto assim é, e há que reter este aspecto; no entanto, permanece válido a este propósito tudo quanto já dissemos acerca da inclinação atrás referida.

3.1.5. Retoque

O retoque, quando se trata do estudo de um conjunto lítico que tem por base seixos rolados, principalmente de quartzito, grauvaque e outras rochas de grão mais ou menos grosso, deve ser entendido de forma diferente do que se realiza sobre lascas e matérias-primas fortemente siliciosas. No caso que nos interessa agora, o retoque é muito mais um trabalho secundário ou de segunda ordem — e portanto, em certa medida, um talhe — do que qualquer outra coisa. Poder-se-ia inclusive analisá-lo conjuntamente com a categoria anterior (talhe), mas pareceu-nos útil e mais claro do ponto de vista da exposição separá-lo, seguindo embora uma sequência de atributos idêntica. Assim:

Modo

Trata-se seguramente de um dos principais atributos caracterizadores desta indústria. De facto, em grande percentagem dos seixos afeiçoados (mais de metade) verifica-se a ocorrência de um talhe/retoque de segunda ordem, sistematicamente sobreelevado (remontante), a tal ponto que se torna por vezes impossível ver, do anverso, os pontos de percussão situados no reverso. Estamos em crer que esta característica é das que mais distinguem as "pebble-cultures" paleolíticas das pós-paleolíticas e terá, necessariamente, um significado técnico-funcional, ligado talvez ao tipo de utilizações intensas que anteriormente descrevemos. Esta característica manifesta-se sob diversas modalidades que interessa inventariar:

- a) formas afocinhadas, isto é, formas em que este tipo de talhe/retoque não é contínuo ao longo de todo o gume activo, mas se limita a uma zona bem definida. Neste caso são manifestas ainda duas variedades, a saber:
- a1) formas afocinhadas frontais quando esta característica surge na extremidade distal das peças, o que ocorre num tipo especial de seixo: o seixo talhado em mais de 3/4 da periferia, geralmente pequeno ou muito pequeno, mais ou menos achatado e de contornos sub-rectangulares (figs. 6 a 10, 37);

a2) formas afocinhadas laterais — quando se trata de posições oblíquas em relação ao eixo-maior morfológico das peças, o que sucede com

maior frequência do que a situação anterior (mas sem a "personalidade" dela) e conduz à ocorrência de gumes mais ou menos distantes da curva circular ideal (ovais ou mesmo apontados) (figs. 11, 12, 13);

b) formas remontantes simples, geralmente escalariformes — quando este tipo de talhe/retoque se distribui continuamente ao longo da linha de gume e é realizado por sucessivos levantamentos imbricados uns nos outros "em escarpa". É uma forma talvez menos caracterizadora do que qualquer das anteriores, embora muito mais frequente (figs. 15, 16, 17).

Para além deste talhe/retoque, numericamente mais importante, deve ainda salientar-se a existência de um outro, representado em muito menor número de peças mas igualmente fundamental na caracterização desta indústria. Trata-se de um talhe-retoque muito fino e superficial, quase lamelar. É com certeza algo de tecnicamente muito evoluído, estranho às "pebble-cultures" paleolíticas. Usualmente surge associado ao tipo de seixos descrito a propósito da análise das dimensões e formas: seixos achatados ou muito achatados e pequenos ou muito pequenos (figs. 1 a 5); pela sua grande coerência interna e especificidade representará por certo um importante subtipo — adentro do tipo dos seixos afeiçoados detentores das características morfológicas gerais já referidas.

Qualquer dos tipos de talhe/retoque que atrás descrevemos está patente em quase todos os conjuntos industriais que têm servido (bem ou mal) para descrever o Languedocense e com uma notável semelhança com os materiais da estação do Xerez de Baixo, que nos serve de suporte material directo. Formas do tipo das primeiras encontramo-las, por exemplo, desde J. Fontes 68, até L. Méroc 69, passando por todos os trabalhos clássicos de Breuil e Zbyszewski, assim como pelo de F. Bandeira Ferreira acerca da estação da Ponta do Cabedelo 70. Formas do tipo das segundas, muito finas, quase lamelares, surgem também com frequência em idênticos autores, por vezes sob a designação de galets grattoir-carenés ou grattoirs à museau (embo-

⁶⁸ FONTES — op. cit. (v. nota 66).

⁶⁹ MÉROC — op. cit. (v. nota 5).

⁷⁰ FERREIRA — op. cit. (v. nota 29). Alguns exemplos: formas afocinhadas frontais: FONTES — op. cit. (v. nota 66), fig. 8; MÉROC — op. cit. (v. nota 5), fig. 3, n.° 3; CARDOSO — op. cit. (v. nota 29), fig. 3, n.° V; FERREIRA — op. cit. (v. nota 39), est. III, n.° 14; VILA-SECA; CAPDEVILA — op. cit. (v. nota 10), fig. 2, n.° 5; FERREIRA — ibid. fig. XXVII; e ainda PITA, R.; QUERRO, J. — Algunos Materiales Líticos del Tosal de la Nora, en Alcoletge (Lérida), in "Crónica del X Congreso Nacional de Arqueologia", Zaragoza, 1969, pp. 163-171; formas afocinhadas laterais: PITA; QUERRE; SARNY — op. cit. (nota 10), fig. V; MÉROC — op. cit. (nota 5, fig. 7), n.° 2 (peça especialmente significativa) e 4; formas remontantes simples: dos inumeráveis exemplos possíveis, apenas dois: FONTES — ibid., fig. 4; CARDOSO — ibid., est. IV, n.° 20. Relativamente a esta última peça, refere-se o autor a um talhe "por vários negativos subverticais e por outros de menores dimensões junto ao gume". Trata-se com toda a evidência da primeira modalidade de talhe/retoque por nós descrita, não sendo porém atribuído naquele trabalho especial significado, em termos de síntese, a esta característica.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

ra estas designações sejam um tanto inadequadas e recubram igualmente as formas afocinhadas) 71.

Amplitude e delineação

Tal como já referimos atrás, o talhe/retoque patente nesta indústria é geralmente reentrante, quer na sua modalidade escalariforme, quer na laminar, sendo a delineação contínua, ainda que por vezes localizada. Qualquer destas características não parece, por si só, muito relevante — antes deve ser compreendida em associação com o *modo* anteriormente descrito.

3.1.6. Gume

A análise particular da linha de gume numa indústria lítica é justificada por ela representar afinal a própria razão de ser da peça. Pode ser objecto de uma observação interna — obtenção, forma, constituição, perímetro — e de uma observação externa — relação perímetro do gume/perímetro total da peça, posição do gume em relação ao eixo-maior morfológico, ao eixo de lascamento, etc.

No presente caso o primeiro tipo de observações já foi, ainda que indirectamente, referido ao abordar atributos anteriores. Assim, as formas dominantes são circulares (convexas), embora em determinados tipos de peças as haja convergentes (geralmente também convexas). As formas denticulares são menos frequentes, mas nem por isso menos significativas, existindo quer no âmbito da obtenção de "dentes" (figs. 22, 23, 26), quer no da obtenção de entalhes laterais (figs. 24, 32, 35); num caso e noutro, porém, nunca são denticulados plenos, parecendo antes estar ligados à notória tentativa, essa sim presente nos mais diversos grupos tipológicos, de obter linhas de gume "serrilhadas", o que acontece principalmente apenas num dos bordos dos instrumentos quando os mesmos apresentam gumes convergentes (figs. 38, 40, 41, 42, 44, 46). Estas características poderão no futuro ser objecto de maior aprofundamento mas elas revelam desde já padrões técnico-funcionais bem diversos dos das indústrias macrolíticas paleolíticas, de que é exemplo flagrante a forte lateralidade (assimetria técnico-funcional lateral) eventualmente indiciadora de uma dextralidade fixada, presente nesta indústria e ausente ou muito apagada nas indústrias mais antigas.

No segundo caso, análise externa do gume, assumem especial significado as elevadas percentagens de gume em relação ao contorno total das peças. Esta característica, regularmente notada através da indicação de que os seixos languedocenses são talhados "em mais de metade da periferia" 72, ou mesmo "na totalidade do seu contorno", é de facto evidente e deve ser retida. Quan-

⁷² BREUIL; RIBEIRO; ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11). ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11, 1958). ID. — op. cit. (v. nota 11, 1966).

⁷¹ Alguns exemplos: FONTES — op. cit. (v. nota 66), fig. 10; MÉROC — op. cit. (v. nota 5), fig. 3, n.º 4 (peça especialmente significativa); PITA; QUERRE; SARNY — op. cit. (v. nota 10), fig. III; CARDOSO — op. cit. (v. nota 39), est. IV, n.º 19.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

to à posição do gume em relação ao eixo-maior morfológico, ela não nos parece objecto de qualquer gramática construída, uma vez que surge aleatoriamente em posições perpendiculares, paralelas ou oblíquas àquele.

3.1.7. Análise particular das lascas

O grupo dos artefactos sobre lasca contém especificidades técnicas que interessa observar em separado. Assim:

Talão

Predominam largamente os talões corticais, o que tem sido regularmente notado, desde Breuil 73.

Face interna (ou de lascagem)

Constitui-se usualmente por superfícies de lascagem com bolbos reduzidos — sintoma de técnicas de talhe evoluídas, segundo ângulos abertos.

Face externa

É muitas vezes cortical ("dorso arredondado e cortical" 74) ou mista, quando se trata de lascas de descorticamento.

Designação e orientação

Existem nesta indústria, como é óbvio, lascas de diferentes tipos, incluindo algumas lascas lamelares e mesmo lâminas 75. No entanto salienta-se a grande percentagem de lascas iniciais e de descorticamento — excluídas que sejam as esquírolas e residuais. Este facto (que supõe a menor representação das lascas de preparação, directamente relacionadas com a execução dos artefactos sobre bloco) associado à circunstância de elas apresentarem geralmente vestígios de utilização e à sua própria expressão numérica no conjunto dos materiais (que já afirmámos ser muito elevada), permite concluir que, mau grado as aparências, o Languedocense é também uma indústria de lascas, no sentido de que parte significativa do seu instrumental é feito delas 76.

As lascas iniciais (d'amorçage) apresentam gumes utilizados quer na extre-

midade oposta (figs. 70, 71, 72), quer em lados oblíquos ao talão.

As lascas de descorticamento estão representadas por modalidades que vão das "gomo de laranja", muito numerosas (figs. 58, 59, 61), àquelas que

 $^{^{73}}$ Breuil, H. — Les industries à éclats du Paléolithique inférieur — I. de Clactonien, "Préhistoire", I, fasc. II, 1932, Paris.

MÉROC — op. cit. (v. nota 5).
 BREUIL — op. cit. (v. nota 46).

Mas não tanto a partir delas, já que tal suporia um trabalho de retoque secundário sobre as lascas, que é pouco frequente — a não ser para a obtenção de artefactos bem definidos, como é o caso dos ditos "pesos de rede" (quando são feitos sobre lasca) (figs. 76, 77, 79) e dos raros verdadeiros raspadores desta indústria (figs. 73, 74, 75).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

apresentam córtex em duas extremidades opostas: a proximal, do talão, e a distal (figs. 66, 67, 68, 69). Umas e outras apontam para uma actividade de extracção de lascas, mais do que para o afeiçoamento de seixos, já que estes são sacrificados (por seccionamentos sucessivos) às lascas pretendidas.

O estudo mais profundo deste aspecto poderá no futuro conduzir à obtenção de significados funcionais e culturais que agora não alcançamos. O que parece claro desde já é que as características notadas revelam particularidades a ter em conta, diferentes no seu conjunto e representatividades das indústrias líticas paleolíticas.

3.2. Caracterização tipológica

A caracterização tipológica final de uma indústria, que constitui uma síntese, é normalmente realizada com o auxílio de listas-tipo, ainda que estas não sejam obrigatórias nem devam impedir o desenvolvimento de outras metodologias. As listas-tipo podem ser realizadas na perspectiva de recobrirem grandes períodos cronológico-culturais (lista-tipo do Paleolítico inferior e médio; do Paleolítico superior; do "Epipaleolítico/Mesolítico" clássico europeu; etc.) ou, com outra finalidade, de fornecerem uma "imagem" de uma indústria determinada, susceptível de ser comparada com indústrias idênticas ou similares e de ser objecto de tratamento estatístico e gráfico.

A definição dos tipos a integrar numa lista-tipo levanta a questão mais geral do próprio conceito de tipo em arqueologia. Não iremos entrar nesta questão, porque nos arriscaríamos a dela não sair tão depressa. Contudo, sempre diremos que, na base (mais ou menos explícita), é sempre a observação de regularidades, proximidades, presenças, especificidades, etc. (e obviamente das suas contrapartidas negativas) que conduz à definição tipológica. No caso presente tivemos em atenção esses princípios, aplicáveis a quatro tipos de ocorrências:

- aspectos morfológicos restritos (formas);

- aspectos morfológicos amplos (formas, dimensões, tamanho);

- aspectos técnicos;

- aspectos técnicos e morfológicos, associados.

Tradicionalmente, estas ocorrências (categorias de análise) têm merecido igual tratamento no sentido do estabelecimento dos tipos, não se fazendo qualquer hierarquização entre elas — o que no entanto parece possível. É óbvio que toda a prioridade é, por tradição, dada aos aspectos morfológicos restritos, chegando-se ao ponto de se dizer que "a tipologia é a ciência das formas" — o que nos parece extremamente parcial e empobrecedor.

No caso do Languedocense, porém, deve dizer-se que determinados aspectos morfológicos amplos e técnicos sempre estiveram presentes na sua caracterização. Por isto, mas principalmente por uma questão de princípio geral, fizemos preceder a nossa síntese tipológica por uma pesquisa bibliográfica, conduzida para um quadro sinóptico do Languedocense, que agora não reproduzimos por ter já sido apresentado anteriormente ⁷⁷. Nele resumimos aquilo que desde Breuil, em 1932 ⁷⁸, até Zbyszewski, em 1974 ⁷⁹, foi dito de mais importante acerca das características desta indústria. Em certa medida, ele encontra-se disseminado ao longo de todo este trabalho; ele e os próprios materiais figurados por esses autores nos seus trabalhos constituem, em cada momento, o termo de comparação que permite aferir o grau de significância dos traços distintivos que a nossa análise tenha parecido pôr em evidência. E sempre que se verificou concordância (o que em termos estritamente formais quase sempre aconteceu) optámos por manter e fazer também nossa a descrição anterior.

A lista-tipo que passamos a expor é, portanto, um ponto de chegada, que ultrapassa a nossa própria análise. Nela vão surgir formas que ao longo deste trabalho não referimos detalhadamente; não porque não estivessem presentes no conjunto lítico que nos servia de suporte material directo mas porque, sendo somente formas (com personalidade e tradição, é certo), não se mostravam susceptíveis de interessar directamente à análise morfotécnica que realizávamos — até porque se trata na maior parte dos casos de formas suficientemente autónomas e reconhecidas.

Lista-tipo

- 1. Seixo unifacial. Achatado ou muito achatado, de talhe periférico, subvertical, trabalhado em mais de metade da periferia, com duas séries de levantamentos, a segunda das quais constituída por retoques (ou talhe de segunda ordem), que podem conduzir às seguintes modalidades:
- 1.1. "Seixo-raspadeira" (galet-grattoir), mais ou menos pequeno retoque muito fino, quase lamelar (figs. 1 a 5).
- 1.2. Seixo afocinhado frontal talhado em mais de 3/4 da periferia e de silhueta sub-rectangular (figs. 7 a 10).
 - 1.3. Seixo afocinhado "lateral" (figs. 11, 13).
- 1.4. Seixo de talhe remontante, simples, geralmente escalariforme, sendo o achatamento obtido por:
 - 1.4.1. Seixo naturalmente achatado (figs. 15, 16, 17).
 - 1.4.2. Seixo achatado por clivagem térmica anterior ao talhe.
- 1.4.3. "Seixo-lasca", sendo a lasca produzida para obter o achatamento pretendido 80 (figs. 27 a 31).

⁷⁷ RAPOSO; SILVA — op. cit. (v. nota 1).

⁷⁸ BREUIL — op. cit. (v. nota 73).

⁷⁹ ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11, 1974).

⁸⁰ Anteriormente — cf. RAPOSO; SILVA — op. cit. (v. nota 1) — incluímos estes artefactos noutro local, integrando-os no conjunto de artefactos sobre lasca (tipo n.º 16 dessa primeira versão da lista-tipo). Pensamos agora que tal opção, baseada num critério estritamente técnico, não deve prevalecer sobre a clara associação morfotécnica entre estes instrumentos e os restantes

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

- 2. Seixo bifacial. Com as mesmas características e susceptível, em princípio, de idênticas modalidades (figs. 32, 33, 35, 36).
- 3. "Uniface" (coup-de-poing unifacial). Geralmente com um gume largo e achatado. Sobre seixo (fig. 39) ou sobre lasca (figs. 38, 46). Referidos regularmente 81.
- 4. Protopico ou pico. Geralmente achatado e largo. Gumes mais ou menos denticulares e formas apontadas desviadas (figs. 40 a 44). Referidos identicamente aos anteriores.
- 5. Biface, "degenerado". Geralmente de talhe parcial nas duas ou apenas numa das faces. Espessos e com o talhe do reverso oblíquo ou mesmo subvertical e pouco reentrante (fig. 45). Formas diversas. Referidos regularmente desde Breuil, em 1932 82.
- 6. Disco (disque-palet). Mais ou menos achatados e circulares. Por vezes volumosos. Tradicionalmente considerados "fósseis-directores" desta indústria, o que está hoje ultrapassado ⁸³ (figs. 47, 48, 49). Referidos regularmente desde Breuil, em 1932 ⁸⁴.
- 7. "Hachereau" ou aparentado. Mirense ou não, de todos os tamanhos, incluindo pequenos ⁸⁵. O machado mirense constitui um subtipo muito particular, embora, contrariamente ao que já foi afirmado ⁸⁶, não rigorosamente limitado nem ao litoral (nós próprios encontrámos algo de concepção semelhante no Xerez de Baixo fig. 53), nem a Portugal ⁸⁷ (figs. 53, 54).

seixos unifaciais aqui descritos. Por isso resolvemos, nesta versão da lista-tipo, incluí-los aqui. Procedemos de igual modo no que respeita às lascas trabalhadas de uma forma idêntica aos seixos referidos em 8. e 9, que na primeira versão desta lista-tipo surgiam autonomamente (n.º 19, então).

Algo de muito semelhante (excepto talvez nas dimensões) a este tipo de "seixos-lascas" é referido por A. Paço (e, antes, segundo este autor, por M. Fernandez Costas) nos seguintes termos: "um tipo de raspadores diferentes dos até hoje descritos ... decerto os instrumentos de mais fácil fabrico de todo o material asturiense. Uma forte pancada num seixo de boas dimensões, de maneira a extrair-lhe uma grande lasca de forma arredondada ou oval que se retoca levemente na parte mais delgada". São figurados dois exemplares (n.ºs 22 e 23) absolutamente típicos. PAÇO, A. — Estação asturiense de Carreço. "Brotéria", X, Lisboa, 1930, pp. 214-220.

⁸¹ Breuil — op. cit. (v. nota 46); Zbyszewski — op. cit. (v. nota 11).

 ⁸² BREUIL — op. cit. (v. nota 73).
 83 MÉROC — op. cit. (v. nota 6).

⁸⁴ BREUIL — op. cit. (v. nota 73).

⁸⁵ BREUIL: RIBEIRO: ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11).

⁸⁶ PENALVA — op. cit. (v. nota 19).

⁸⁷ MÉROC — op. cit. (v. nota 5). De facto nesta obra Méroc refere a questão da relação entre as haches à coches do Garona, de que figura uma inteiramente idêntica às mirenses, e as do litoral alentejano. Informações nesse sentido tinham-lhe sido solicitadas pelo próprio Breuil, que se apercebera dessa relação, pelo menos morfológica. Méroc afirma que os machados do Garona "poderiam relevar quer do paleolítico, quer do neolítico", sendo porém este mais provável. E pergunta: "Qual será a incidência do rejuvenescimento das peças com entalhes do Garona na datação do Mirense?" — pergunta particularmente feliz e extraordinária, se atendermos à sua precocidade.

- 8. Seixo unifacial. Reunindo algumas das características expressas em 1. e susceptível de idênticas modalidades (figs. 6, 12, 14, 21, 34).
 - 9. Seixo bifacial. Idem (fig. 19).
- 10. Seixo unifacial, comum. Ou seja, não possuindo nenhuma das características expressas em 1., designadamente quanto ao achatamento e à amplitude do talhe. Exclui-se neste caso a ocorrência de modalidades do tipo das indicadas em 1.4.3., já que não nos parecem existir neste caso especificidades que se justifiquem sobrepor ao critério da massa inicial.
 - 11. Seixo bifacial, comum. Idem.
 - 12. Seixo poliédrico (figs. 55, 56, 57).
 - 13. Lasca de descorticamento, com talão cortical, subdividindo-se em:
 - 13.1. Lasca do tipo "gomo de laranja" ou tranche de galet 88.
- 13.2. Lasca de seccionamento, ou seja, com uma superfície cortical em todo ou quase todo o contorno (figs. 60, 63), ou em duas extremidades opostas (figs. 66 a 69).
- 13.3. Lasca de descorticamento simples não reunindo nenhuma das características anteriores (fig. 62).
- 14. Lasca inicial (d'amorçage ou de primeiro talhe) (talão necessariamente cortical), "com dorso arredondado cortical" (figs. 70, 71, 72).
 - 15. Lasca simples, não retocada, com talão cortical.
- 16. Lâmina ou lasca lamelar (figs. 64, 65). Referidas regularmente desde Breuil, em 1932 89 embora sempre como ocorrências numericamente pouco significativas.
- 17. Lasca. Reunindo algumas das características expressas em 15., subdividindo-se em:
 - 17.1. Lasca de talão cortical, mas retocada.
 - 17.2. Lasca não retocada, mas de talão não cortical.
 - 18. Lasca retocada, com talão preparado, subdividindo-se em:
- 18.1. Lasca trabalhada. Em qualquer dos tipos clássicos de instrumentos sobre lasca: raspador (racloir) (figs. 73, 74, 75), raspadeira (grattoir), buril, furador, etc.
 - 18.2. Lasca não trabalhada. Abandonada ou simplesmente utilizada.
- 19. Lasca residual e esquírola de talhe. Incluem-se ainda aqui todas as lascas diversas irreconhecíveis. Em rigor não se trata de um "tipo", mas tão-

⁸⁸ ZBYSZEWSKI; LEITÃO; NORTH — op. cit. (v. nota 15).

⁸⁹ BREUIL — op. cit. (v. nota 73).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

-só de uma categoria técnica, que no entanto interessa apartar (embora pudesse figurar no final da lista-tipo — o que não fazemos para facilitar o estudo dos artefactos sobre lasca).

- 20. Peça de entalhes ("pesos de rede"). Sobre lasca ou bloco (seixo, neste caso). Com entalhes laterais ou terminais, igualmente definidos nos dois lados opostos ou apenas num deles, sendo o outro somente esboçado, muitas vezes aproveitando a própria configuração natural da massa inicial a trabalhar (figs. 76 a 81). Referidos regularmente por todos os autores; variações locais e regionais, quer numéricas, quer tipológicas ou simplesmente morfológicas, têm sido notadas 90, embora nem sempre interpretadas de forma não especulativa, o que começa logo por se verificar quanto à sua própria designação: "pesos de rede" ou "pesos de tear", sendo possíveis ambas as finalidades mas gratuita a sua afirmação sem dados de contexto que transcendam a pura análise tipológica.
 - 21. Núcleo. Subdividindo-se em:
 - 21.1. Núcleo do tipo calote de seixo (figs. 82, 83).
- 21.2. Núcleo sobre seixo, destinado à extracção de lascas do tipo das expressas em 14 (fig. 84).

(Qualquer destes referidos por Méroc 91 sob a designação de seixos utilizados como "núcleos de tipo especial").

- 21.3. Núcleos com planos de percussão preparados, de tipo levallois, proto-levallois, para-levallois ou "mustierense" (centrípto, levallois esgotado?) (fig. 85).
- 22. Percutor. Bruto ou afeiçoado sumariamente para servir como tal, subdividindo-se em:
 - 22.1 Percutor propriamente dito (figs. 86, 88).
 - 22.2. Bigorna. À falta de melhor, incluem-se aqui os "pratos".
 - 22.3. Percutor-bigorna (fig. 87).
 - 23. Diversos. Peças incaracterísticas, duvidosas, irreconhecíveis, etc.

Esta lista-tipo, tal como a sua primeira versão, foi organizada segundo duas ordens de critérios, a saber:

a) Quanto à massa inicial dos artefactos:

PARTE I — artefactos sobre bloco (n.ºs 1 a 15, excluindo-se os n.º 1.4.3. e modalidades idênticas que possam ocorrer nos tipos n.ºs 2, 8 e 9).

91 MÉROC — op. cit. (v. nota 5).

⁹⁰ Cf., por exemplo, ZBYSZEWSKI; PENALVA — op. cit. (v. nota 18).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

PARTE II — artefactos sobre lasca (n.ºs 13 a 19, incluindo-se os n.º 1.4.3. e modalidades idênticas que possam ocorrer nos tipos n.ºs 2, 8 e 9).

PARTE III — diversos (n.ºs 20 a 23).

b) Quanto à proximidade relativamente ao modelo de Languedocense expresso ao longo do tempo pelos autores que o têm definido, nos aspectos que aqui retomamos, acrescidos daqueles outros que agora desenvolvemos:

```
SECTOR I — típico (n.ºs 1 a 7, 13 a 16, 20, 21, 21.1. e 21.2.)

SECTOR II — atípico (n.ºs 8, 9 e 17)

SECTOR III — comum (n.ºs 10 a 12, 18, 19, 21.3)
```

A decomposição desta lista-tipo por PARTES e SECTORES permite realizar histogramas essenciais, pondo em evidência determinadas características morfotécnicas ou tipológicas. É possível a assimilação de diferentes tipos ou o maior desdobramento de outros, assim como a representação das modalidades de ocorrência de cada um ou de todos eles. Em termos metodológicos, contudo, a lista-tipo e as representações que ela possibilita, não substitui a análise morfotécnica de partida — a qual deve também ser conduzida a formas de representação gráfica e tratamento estatístico.

Apenas com todos estes elementos é possível a caracterização que, afinal, acabamos por expor e pode ser objecto dos mais variados tratamentos gráficos, entre os quais os arborescentes, que sacrificando determinados aspectos, tipos e subtipos, representam uma leitura e visualizam as relações, inclusive quantitativas, entre os vários elementos duma indústria (v. tabela). Reconhecendo embora um certo desfasamento (em termos de fundamentação e critério) entre as diferentes fases da nossa démarche, o futuro se encarregará de equilibrar o que ainda o não está, eventualmente mesmo à custa do que já parece estar.

4. Conclusões

Do balanço crítico e da análise que fizemos, a primeira e mais importante conclusão que parece ressaltar é a de que o Languedocense constitui, de facto, uma indústria de sentido pleno, ou seja, não se trata somente de uma técnica e muito menos de uma pseudotécnica, estabelecida apenas para "manter o conceito". Menos ainda se trata de uma "civilização fantasma" 92, expressão que J. Maury utiliza com alguma justiça na análise que fez a propósito do "Asturiense" do Norte de Portugal.

Sendo uma verdadeira indústria, o Languedocense deve possuir um tempo e um espaço próprios. Um e outro podem ser objecto de sobrevivências mais ou menos profundas — as quais, contudo, não se devem confundir com a indústria propriamente dita.

⁹² MAURY — op. cit. (v. nota 47).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

O tempo do Languedocense é pós-paleolítico, talvez essencialmente epipaleolítico, mas com sobrevivências importantes, ainda que localizadas, para mais tarde. Por tudo o que ficou dito no ponto 2.1. deste trabalho, parece hoje altamente improvável - para não dizer definitivamente ultrapassado - que possa ser definido Languedocense durante o Paleolítico - a não ser num sentido muito restrito, no mesmo sentido em que se diz existir um "proto--levallois" e ainda assim sob reserva. Não há qualquer elemento estratigráfico seguro de outro que indique a existência desta indústria antes do final do Würm; é sintomático que, no litoral alentejano por exemplo, ainda se não tenha descoberto nenhum verdadeiro "acampamento" languedocense (mirense ou não, note-se) em depósitos plistocénicos. Os dados que permitem, aí como noutras zonas, a individualização desta indústria, são de natureza estritamente tipológica, ainda por cima a partir de conjuntos triados segundo métodos discutíveis. Ora o método tipológico em getal, só por si, é normalmente insuficiente para a individualização de uma "civilização"; acresce que neste caso tal caracterização tipológica era como vimos enganadora, porque largamente insuficiente. Mesmo as observações extraídas a partir de formas mais complexas, como sejam os hacheraux, são extremamente duvidosas. Na verdade é muito arriscado afirmar que "se vê aí a evolução do hacherau acheulense sobre lasca para o machado mirense de dois flancos esmagados, que nós chamamos mirense" 93, ou, mais categoricamente, que "o machado mirense", é sem dúvida um resultado de uma evolução local do machado típico acheulense" 94. Apesar desta tese não supor por si só a existência paleolítica do Languedocense, ela é extremamente imprudente e de certo modo gratuita, se atendermos à inexistência de sólidas bases de análise morfotécnica e tipológica dos hachereaux em causa 95.

Que tenha havido sobrevivências "languedocenses" até épocas relativamente tardias é algo de admissível e até provável; que tenha havido um tão longo período de maturação "técnica" paleolítica, ou — o que é mais absurdo — uma tão grande longevidade cultural, é algo de muito duvidoso e

⁹³ BREUIL; RIBEIRO; ZBYSZEWSKI — op. cit. (v. nota 11).

⁹⁴ PENALVA — op. cit. (v. nota 19).

⁹⁵ Um exemplo do que pode ser uma análise deste tipo de peças é-nos dado pelo trabalho de Luis Benito del Rey (cf. BENITO DEL REY — convergencias y divergencias técnicas y morfológicas entre dos colecciones de hendidores: una achelense y otra musteriense. "O Arqueólogo Português" série IV, 1, 1983, pp. 39-62). A própria filiação dos hachereaux mustierenses nos acheulenses embora aceite e defendida por aquele autor, é por ele reconhecida ser discutível. Quanto mais a dos machados mirenses, que para além de muito distantes no tempo (e sem soluções de continuidade estandardizadas) são peças com personalidade e características muito diferentes — a começar pela própria ideia de encabamento (ou, pelo menos, de suporte preênsil), que é bem visível no caso mirense e inexistente no caso acheulense (daí, de resto, a inadequação do termo "machado" — objecto para ser encabado — a estas últimas peças).

É possível que tenha havido uma sequência entre os hachereaux acheulenses e os machados mirenses; mas no estado actual dos nossos conhecimentos ninguém pode estar em condições de dizer qual, directa se indirecta, e muito menos se pressupondo evolução de uma indústria para a outra (de uma "civilização" para a outra) — o que, aliás, nos parece inverosímil, dada a argumentação geral expendida neste trabalho.

especulativo. Especulativo porque se coloca desde logo a questão da pertinência da própria individualização de uma "técnica" languedocense naquele período; duvidoso porque, mesmo que tal existisse, seria muito estranha uma tão longa duração de uma "cultura" — caso único em toda a história humana,

dentro dos quadros cronológico-culturais em causa.

No entanto, ainda no plano da definição de uma "civilização" languedocense, mais importante do que a questão cronológica são, hoje em dia, os problemas de espaço. Até há bem pouco tempo estes tinham subsistido numa certa obscuridade, porque submergidos pela polémica das datas. É que a dimensão espacial de uma "civilização" no Paleolítico é algo a que nunca a Arqueologia pré-estatística pôde aceder satisfatoriamente — e o Languedocense não foge à regra. Acerca dele se disse possuir alguns "fácies" regionais 96 — os quais só muito dificilmente alguém poderia fazer corresponder a

verdadeiras manifestações regionais de uma mesma cultura.

Se a questão era esta, nestes rigorosos termos, ela foi algo revolucionada com o reconhecimento da existência do Languedocense costeiro, "epipaleolítico/mesolítico", que referimos neste trabalho. O estado anterior da questão (extraordinariamente recuado) e o carácter limitado dos dados actuais aconselham, porém, grande prudência na rotulagem cultural de uma indústria lítica como esta. O próprio carácter costeiro do Languedocense, pelo menos de todo o Languedocense, é extremamente discutível. Afirmá-lo apenas repete idênticas observações já realizadas em Espanha por exemplo, onde, ao equacionar esta questão, S. Vilaseca e R. Capdevila 97 dizem que "tipos caracteristicamente "languedocenses" temo-los encontrado com frequência nas jazidas mais próximas do litoral, mas também os achamos nas mais interiores". Nós próprios e outros autores (desde A. Viana a V. O. Jorge) encontrámos Languedocense típico no interior do vale do Guadiana, que dele constitui sem dúvida um importante foco; a situação no vale do Tejo necessita de ser revista, mas também aí se tem afirmado existir esta indústria, e certas estações, como as de Muge, Moinhos de Benavente e Vale da Fonte (Belver) parecem ser dela suficientemente identificadoras.

Que dois importantes e verdadeiros fácies costeiros languedocenses tenham sido o Mirense, ao Sul, e o "Ancorense" ao Norte, com desenvolvimentos prováveis para o Asturiense, parece algo de pacífico; que o Languedocense esteja presente noutros pontos da costa, com maior ou menor personalidade, parece também começar a ser aceite 98; mas, finalmente, que o Languedocense comporte também manifestações mais no interior, designadamente ao longo dos vales dos grandes rios, é algo que nos parece provado, pelo menos nos casos do Tejo, Guadiana e Caia.

Esta ideia de Languedocense, de resto, encaixa numa outra mais geral que é a das culturas "cacléticas" (para usar um termo proposto por F. Bandeira

⁹⁶ Litoral norte, baixo vale do Tejo, Caia e Guadiana, Cabo Espichel, litoral do Baixo Alentejo e Algarve ocidental, Algarve meridional ZBYSZEWSKI - op. cit. (v. nota 11).

⁹⁷ VILASECA; CAPDEVILA — op. cit. (v. nota 10).

⁹⁸ ZBYSZEWSKI; PENALVA; CARDOSO — op. cit. (v. nota 21).

O Arqueôlogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

Ferreira 99), enquanto filum particular das indústrias epipaleolíticas (e também paleolíticas, embora ainda, ou de todo, não individualizáveis). No futuro, uma importante linha de pesquisa (para além da do próprio aprofundamento do conceito de Languedocense, designadamente através da ampliação das colecções, do estudo de novas jazidas com materiais em boas condições 100 e da revisão das já existentes) será a da revisão das colecções do nosso "Epipaleolítico/Mesolítico" clássico (aziliense, mugense ou outro), à luz de critérios que dêem pleno significado a conjuntos líticos até aqui pouco considerados ou até pura e simplesmente omitidos, a fim de se verificarem eventuais contactos 101. Esta linha de pesquisa é, como se compreenderá, prévia a quaisquer comparacões a longa distância e explicações diacrónicas — as quais, apesar de motivadas por preocupações pertinentes, são porém primárias, porque desligadas do estado real dos nossos conhecimentos na actualidade 102.

E repare-se que mesmo as linhas de pesquisa que propomos, só são possíveis e desejáveis a partir do momento em que consideremos pacífica e real a existência e caracterização autónoma do Languedocense. Esta caracterização,

99 FERREIRA — op. cit. (v. nota 29).

100 Já G. Zbyszewski (ZBYSZEWSKI, G. - La classification du Paléolithique Ancien et la chronologie du Quaternaire en 1942. "Bol. Soc. Geológica de Portugal", II, fasc. 2-3, Porto, 1942) afirmava ter "reconhecido a existência de fundos de cabanas, representados por amontoados mais ou menos circulares de blocos e utensílios" em Carreço do Minho (a Noroeste do farol de Montedor). Deles não dá, contudo, qualquer outra indicação, além de uma péssima fotografia. Seria por isso muito importante tentar novas prospecções nesta zona conducentes a uma recuperação minimamente aceitável dos elementos ali contidos e que tudo indica serem de importância

102 Na verdade, perguntar de onde veio, para onde foi, por onde foi, etc. o Languedocense, saber se ele "nasceu" cá ou algures (ZBYSZEWSKI; PENALVA — op. cit. [v. nota 18]) é algo de muito interessante, mas extemporâneo no estado actual dos problemas. Esta ideia, aliás hoje corrente, de querer dar resposta às "grandes" questões sem resolver as "pequenas", é particularmente nefasta, porque dificulta o estabelecimento de linhas de pesquisa sólidas e remete-nos necessariamente para o terreno das "convicções" pessoais e das falsas comparações geográficas,

que não têm em conta os simples fenómenos de convergência.

ímpar.

101 Três exemplos a este propósito: 1 — Abrigo das Bocas I (Rio Maior). Tivemos o ensejo de observar as colecções desta estação existentes no M.N.A.E. (em estudo por uma equipa dirigida por Vítor dos Santos Gonçalves) e reconhecemos nelas vários exemplares líticos de técnica tipicamente languedocense, nos termos em que a definimos neste trabalho. Esta observação não é, aliás, inteiramente inédita, uma vez que já Manuel Heleno a fizera, segundo informação de F. Almeida e O. Veiga Ferreira, cf. op. cit. (v. nota 31) que no entanto não tiraram dela quaisquer consequências úteis, nem em termos de investigação futura, nem em termos imediatamente conclusivos; 2 — Moita do Sebastião (Muge). Até que ponto determinadas peças da sua utensilagem em quartzito (designadamente os "grattoirs massifs" e os "choppers") não poderão revelar afinidades com a técnica languedocense? Até que ponto as chamadas estações paleolíticas de Muge, não se podem ou devem relacionar com a ocupação "epipaleolítica/mesolítica" da região, especialmente nas séries languedocenses?; 3 — Vila Pouca (Monsanto). A "série 4" desta estação, assim como as similares de outras estações na mesma região (cf. ROCHE, J.; FER-REIRA, O. V.; ZBYSZEWSKI, G. - Deux stations préhistoriques des environs de Lisbonne: Vila Pouca et Pinhal da Charneca, in "Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia", I, Lisboa, 1954, pp. 89-103), parece pertencer, segundo Breuil, citado pelos autores, a um "fácies costeiro, aparentado aos machados mirenses da costa Sul e ao estádio ancorense pré-asturiense do Norte".

a um tempo morfotécnica e tipológica, parece-nos evidente depois da análise que fizemos. Outros dirão se ela conduziu a resultados pertinentes e válidos, designadamente enquanto termos de comparação. Seja como for, ela põe em evidência traços distintivos importantes — os quais surgem quer isoladamente, quer em associação. Para além de permitir, em nossa opinião, definir uma técnica languedocense, ela conduz-nos também a uma indústria (a uma tipologia) languedocense. Mas vai mais longe: estabelece fronteiras, em certos casos claras, entre as técnicas de trabalho da pedra por lascamento no Paleolítico e em períodos posteriores.

Julho, 1981

Discussão

Comentário de Georges Zbyszewski, * Carlos Penalva ** e João Cardoso *** — No resumo do trabalho, os autores consideram dois aspectos:

1 — Existência de uma indústria "languedocense" autónoma e de sentido pleno.

2 — Indústria com características morfotécnicas e tipológicas não só particulares como também diversas das características das indústrias paleolíticas, especialmente das "Pebble Cultures".

I — Introdução

Na parte da introdução, os autores põem em relevo o facto de o elemento utilizado como base do trabalho ser o material considerado como languedocense encontrado na estação de Xerez de Baixo, no vale do Guadiana, perto de Monsaraz.

Tendo examinado, dois de nós (G. Z. e J. L. C.), os materiais colhidos na estação "languedocense" de Xerez de Baixo, verificámos a presença dos seguintes elementos:

1 — Uma série fortemente eolizada e de certo modo pouco rolada do Acheulense médio-antigo (pouco abundante) separada do conjunto considerado como Languedocense.

2 — Coups-de-poing bifaces e unifaces do Acheulense superior (alguns com ligeira pátina eólica) os quais não foram separados do Languedocense.

3 — Diversos núcleos e outros objectos mustierenses, alguns dos quais com planos de percussão preparados.

^{*} Serviços Geológicos de Portugal, R. da Academia das Ciências, 19, 2.º, P-1200 LISBOA.

^{**} Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul, Palácio Vimioso, Largo Marquês de Marialva, P-7000 ÉVORA.

^{***} Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Av. do Brasil, P-1500 LISBOA.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

4 — Uma indústria "languedocense" embora com ausência de algumas peças típicas conhecidas em outras regiões.

5 — Abundância de lascas residuais, muitas delas com planos de percus-

são lisos.

Assim, a indústria estudada não é toda "languedocense". É evidente os perigos que a metodologia dos autores encerra. Ao procurar-se caracterizar uma suposta indústria, para mais com larga distribuição geográfica, como eles mais adiante afirmam, a partir duma só jazida (mesmo admitindo-se homogeneidade para todas as peças, o que não é o caso), está-se a tomar a parte pelo todo, não havendo qualquer ponto de referência mais seguro que as próprias convicções dos seus autores.

Com efeito, consultando o trabalho que estes apresentaram ao IV Congresso Nacional de Arqueologia, em Faro 103, os autores referem-se a esta estação dizendo que encontraram in situ material lítico tipicamente "languedocense", restos de cerâmicas neomegalíticas e possíveis estruturas de habitat. Em primeiro lugar gostaríamos de saber porque é que o conjunto de Xerez de Baixo é típico quando apresenta peças acheulenses e mustierenses? Que dizer das outras estações conhecidas no litoral a norte e sul do rio Mira, onde a abundância do material é muito superior e mais diversificado no que toca os tipos de utensílios?

A sul de Milfontes, as estações, embora de superfície, apresentam cada uma identidade própria, pois encontrando-se sob as areias de dunas modernas, estas, ao serem deslocadas pelo vento, descobrem-nas, revelando assim áreas com pecas tipicamente "languedocenses", oficinais de talhe e outros vestígios

habitacionais.

Em segundo lugar nota-se uma nítica discordância da noção de tempo do "Languedocense", dado que no trabalho agora apresentado os autores atribuem-lhe um tempo "essencialmente epipaleolítico, mas com sobrevivências importantes ainda que localizadas para mais tarde". Por outro lado, no trabalho da estação de Xerez de Baixo, os autores dizem que o Languedocense é necessariamente pelo menos neolítico no caso presente. Se é pelo menos neolítico, então não poderá de forma nenhuma ser epipaleolítico.

Para além deste pormenor, há que ter-se em conta que o material lítico proveniente de Xerez de Baixo, e que segundo os autores, provém de um nível in situ, apresenta nítidas diferenças. Peças há que, tal como no caso dos bifaces e afins, são nitidamente acheulenses. Outras, tal como os discos, serão

mustierenses.

Para além destes factos, os autores mencionam a existência in situ de

restos de cerâmicas "neomegalíticas".

Perguntaremos: a) Como é que os autores explicam a existência de cerâmica de permeio com material lítico que não é típico, pois entre ele identificam-se peças de uma indústria acheulense e de outra mustierense? b) Como se explica que para além destes factos, ainda se possa tentar detectar

¹⁰³ Cf. RAPOSO; SILVA — op. cit. (v. nota 1).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

estruturas de habitat?; de que épocas: Acheulense, Mustierense ou Neolítico?

Devemos ainda referir que a quantidade de peças líticas que constituem o material de Xerez de Baixo está longe de poder chamar-se "vasto". O que dizer das grandes jazidas bem individualizadas as quais, conforme podemos comprovar aos autores, darão cada uma, entre peças e lascas, vários milhares de exemplares, depois de todo o material ser recolhido?

Conhecemos bem o local de Xerez de Baixo. Pensamos que o material cerâmico é estranho ao nível e que mesmo esse nível não é um nível selado mas sim um nível que, pela mistura de cerâmica e de indústrias diversas, será

forçosamente remexido.

Assim, não nos parece possível, mas sim absurdo, dizer que a estação do Xerez de Baixo seja um modelo que permite definir, ou, para não ir tão longe, que possa contribuir, para esclarecimento de um Languedocense.

II — A questão do "Languedocense"

Desde a sua individualização por Breuil em 1932, 104 a questão do "Languedocense" tornou-se controversa por razões de cronologia e de estatuto.

Os autores afirmam, "a questão cronológica parece já muito reduzida na sua importância; por isso não vamos aprofundá-la, senão na perspectiva da síntese que permita, em relação à questão do estatuto conceptual caracterizador do Languedocense, o desenvolvimento das nossas próprias perspectivas". Da frase transcrita, parece concluir-se que a questão cronológica só tem interesse ser desenvolvida de acordo com a perspectiva defendida anteriormente pelos autores.

II.1 — Atribuição cronológica

Inicialmente Breuil pensou tratar-se de uma indústria de seixos trabalhados do Paleolítico antigo situado entre o Acheulense e o Mustierense. Mais tarde verificou-se que o "Languedocense" estendia-se para além do Mustierense até épocas pós-glaciares. De então para cá este ponto de vista foi discutido sob diversos aspectos.

Os autores do trabalho analisado enumeram os seguintes elementos tirados de várias publicações:

1 — Os discos "languedocenses" encontrados in situ no "loess recente" dos terraços do rio Garonne, no S.W. da França, têm valor relativo. O loess recente antigamente considerado como contemporâneo do Würm é actualmente atribuído ao pós-Würm.

2 — Segundo Méroc 105 não há evidência clara da existência do "Langue-docense" anteriormente ao Magdalenense final. Trata-se de uma indústria mesolítica ou neolítica antiga original com possíveis recorrências em culturas

posteriores (Chasseense, por exemplo).

¹⁰⁴ BREUIL — op. cit. (v. nota 73).

¹⁰⁵ MÉROC — op. cit. (v. nota 6).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

3 — Méroc distingue um "Languedocense" típico (Mesolítico) de outro atípico (Neolítico), acrescentando que se "ligam muito naturalmente, enquanto é difícil compreender como tantos pontos comuns existem depois de um salto do Mustierense ao Bronze".

Aqui fica-se sem perceber se, para Méroc, o "Languedocense" atingia a Idade do Bronze ou não, visto para ele só haver dois "Languedocenses", o típico e o atípico, sendo este contemporâneo do Neolítico e aquele do Meso-

lítico.

4 — Os autores acham que uma longa sobrevivência do Languedocense só é compreensível se tivermos em atenção por um lado a *cristalização* evidente da nossa arqueologia, especialmente a do Paleolítico, e por outro lado a ocorrência de achados (poucos) "languedocenses" em depósitos quaternários".

Na opinião deles, o real significado destes achados é "muito relativo", quer pelas dúvidas quanto à datação de tais depósitos, quer principalmente pela insuficiência quantitativa e 'qualitativa dessas peças. As considerações que acabamos de citar ainda são discutidas e deste modo apresentaremos dois casos encontrados nas comunicações apresentadas no recente Congresso de Nice em 1976:

1— Segundo Michel Icole e Louis Rieucau 106 , os quais estudaram os limons quaternários do vale do rio Garonne, uma datação absoluta do loess feita por J. Hubschman pelo radiocarbono a partir de conchas de gastrópodes, deu uma idade de 20 900 \pm 570 B.P. Uma fauna de gastrópodes estudada por

Puissegur confirmou o Würm superior.

2 — Na opinião de Robert Simonnet 107 que estudou as civilizações epipaleolíticas e mesolíticas do S.W. da França, o "Languedocense" parece ser o material corrente da Idade do Bronze, o que não impede que alguns choppers e outros seixos encontrados nos limons (siltes) possam ser efectivamente mesolíticos.

No que diz respeito às dúvidas que existem sobre as datações dos depósitos, os autores não dizem quais são e também não indicam a datação que sugerem para os mesmos. Por outro lado, nem sempre houve insuficiência

qualitativa das peças.

Ainda segundo os autores do trabalho, "os arqueólogos da escola de Breuil começam por manifestar dificuldades em distinguir no litoral alentejano o Mirense do "Languedocense" por reconhecer, ainda que indirectamente, o limitado valor da seriação física por graus de rolamento do dito Languedocense já que as peças características de cada uma das séries se encontram indiferenciadamente em todas elas".

Esta afirmação necessita de esclarecimento no que diz respeito às peças citadas e também ao grau de "rolamento" do Languedocense. Por nossa

¹⁰⁶ ICOLE, M.; RIEUCAU, L. — Les limons quaternaires et les dépôts de pente dans le Bassin de la Garonne et ses affluents, in "La Préhistoire Française", I (1), Paris, 1976, pp. 144-147.
107 SIMONNET, R. — Les civilisations de l'Épipaléolithique et du Mésolithique dans les confins pyrénéens de la Gascogne et du Languedoc, in "La Préhistoire Française", I (2), Paris, 1976, pp. 1412-1419.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

parte, não conhecemos "Languedocense" rolado naquela área, excepto as peças roladas nas praias actuais.

Salienta-se a incoerência dos autores ao declararem "apenas se reconhece (o Languedocense) por um processo de seriação física das peças, muito discutível". Contradizem-se, pois mais adiante admitem como critério de homogeneidade, a uniformidade em termos físicos, aplicada a "horizontes estratigraficamente selados ou de superfície" onde tal critério deverá ser acompanhado pela análise tipológica dos artefactos, presentes nas diversas séries.

Na página 6 do trabalho apresentado, os autores consideram que: "admitir que uma mesma indústria ("civilização") no sentido clássico do termo tenha que sobreviver tão longamente de há mais de 100 000 anos até cerca de 4000 a.C., (...) seria algo muito estranho e único, senão absurdo e sobretudo

não sustentável pelos factos".

Segundo o nosso ponto de vista a duração do "Languedocense" entre 100 000 e 4000 anos não é impossível. Existem outras indústrias com duração parecida ou mesmo maior. Por exemplo, examinando o trabalho de Lumley ¹⁰⁸, apresentado ao Congresso de Nice, verifica-se que o Acheulense apareceu na Europa um pouco antes de 650 000 anos e estendeu-se, evoluindo até cerca de 100 000 anos ou pouco mais.

Por sua vez, os seixos trabalhados aparecidos há mais de um milhão de anos prolongam-se até épocas mais recentes. Com efeito, a sua ocorrência no "Languedocense" epipaleolítico vem demonstrar que no intervalo não houve interrupção no fabrico deles, mas que houve uma evolução progressiva das indústrias sobre seixos com aperfeiçoamento de trabalho e multiplicação de formas. Assim não é absurda a ideia da longevidade do "Languedocense". Mas se o "Languedocense" franco é epipaleolítico teremos que considerar a existência de um mais antigo. O que parece absurdo é a ideia da não existência de indústrias de seixos trabalhados paralelas ao Mustierense e ao Paleolítico superior. Reconhecemos contudo as justas afirmações dos autores ao declararem que "o rejuvenescimento de uma indústria algures (França e Espanha) não implicaria forçosamente, por si só, igual comportamento entre nós — o que seria feito por importação "por preocupação de filiação apriorística em tipologia estrangeira".

Sobre a longevidade do "Languedocense" final atribuído noutro trabalho 109 sobre a mesma região, onde se declara ser o mesmo balizado cronologicamente entre 11 800 B.P. e 4000 B.P., os autores declaram que "parece absurdo admitir uma sobrevivência tão grande de uma cultura" epipaleolítica-mesolítica "numa zona onde já existiam importantes comunidades neolíticas, o que é obviamente diferente de admitir a sobrevivência de um

LUMLEY, H. de — Cadre chronologique absolu, paléomagnetisme, chronologie paléontologique et botanique esquisse paléoclimatologique, séquences culturelles, in "La Préhistoire Française", I (1), Paris, 1976, pp. 5-23.

¹⁰⁹ Cf. ZBYSZEWSKI; PENALVA — op. cit. (v. nota 18).

fundo morfotécnico e tipológico "languedocense" em comunidades neolíticas avançadas e até posteriores". Salienta-se que as diferenças entre cultura e fundo cultural, no que respeita ao caso presente, terão de se limitar ao plano teórico, se não se pensar cair no campo das "falsas convicções pessoais" que os autores justamente criticam. Daí não haver bases sólidas para o rebatimento da data proposta.

Na nota 21 os autores, ao comentarem o trabalho de Zbyszewski e Penalva, declaram que para estes investigadores, o "Languedocense" costeiro epipaleolítico "mais não seria que o Mirense ao Sul de Sines e Asturiense ao Norte do Douro, o que aliás deixa inexplicavelmente de lado ou não considera a existência languedocense de indústria pré-asturiense naquela região" 110. Será isto admitir implicitamente a existência de um "Languedocense" paleolítico que os autores afirmam não existir?

Pela nossa parte admitimos a existência de um "Languedocense" epipa-

leolítico e de outro mais antigo, como anteriormente já referimos.

Outra hipótese em alternativa à comentada é a de considerar a diferença entre "civilização e técnica languedocense" sendo a primeira correspondente a um aspecto geograficamente limitado do epipaleolítico-mesolítico português, e a segunda mais vasta, com remotas raízes no Paleolítico inferior final, evoluindo progressivamente até se tornar em "cultura específica". Esta hipótese também não recolhe o acordo dos autores, declarando mais adiante que a ideia de "uma técnica se manter apenas como tal ao longo de dezenas de milhares de anos, até se constituir numa civilização é algo de bizarro".

Então que nos resta? O forçar a nota numa época exclusivamente pós--paleolítica como último recurso, como parece ser a opinião deles ao declararem que a "questão do Languedocense" é cada vez mais um problema de

estatuto e de classificação e não de data".

O que minimiza a importância e a dimensão da "questão cronológica tradicional" é algo de metodologicamente incorrecto, por denunciar uma fuga deliberada à análise aprofundada da problemática desta indústria, cuja questão cronológica é, muito ao contrário, "pedra de toque" para qualquer arqueólogo que procura aprofundar.

II.2 - Estatuto conceptual

Os autores afirmam ser possível, através de um aprofundamento da metodologia em estudo por eles adoptada, um esclarecimento definitivo do problema cronológico. Assim, tentam uma definição rigorosa do termo através da formulação de três hipóteses básicas de trabalho, que condensam as diversas hipóteses daqueles que até agora estudaram este assunto.

¹¹⁰ O "Languedocense" pré-asturiense foi estudado por Breuil et. al. na estação de Carreço (Minho) e publicado em 1962, o que os autores parecem ignorar. Cf. BREUIL, H.; PAÇO, A.; RIBEIRO, O.; ROCHE, J.; VAULTIER, M.; FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G. — Les industries paléolithiques des plages quaternaires du Minho (La sation de Carreço). "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", XLVI, 1962, pp. 53-131.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

1 — "Languedocense" como indústria — possuindo um tempo e espaço próprios (por aqui se vê a importância da questão cronológica, que os autores não parecem privilegiar ou declaram ser de somenos importância).

2 — "Languedocense" apenas como técnica, e neste caso em que indústria? (sendo neste caso preferível a designação por exemplo de "técnica" do

Languedocense: v. nota 25).

3 — "Languedocense" como indústria e técnica simultâneas e específicas. Neste caso apenas se poderia admitir uma sobrevivência "atípica" da segunda em relação à primeira. Nota-se que para os autores, os recentes trabalhos apenas aparentemente resolvem o problema (v. nota 27), declarando a este propósito que: "ao conferirem novamente um sentido pleno ao Languedocense (sentido que, como veremos, tinha vindo a perder-se) eles tornam menos evidente a realidade que contudo, subsiste e se resume numa muito insufi-

ciente caracterização morfotécnica e tipológica daquela indústria"?

Desta frase poderá concluir-se que, se tal "sentido pleno", isto é, significado cultural, não tivesse sido atribuído, o problema estaria resolvido? Ou a realidade subjacente, resumida "numa muito insuficiente caracterização morfotécnica e tipológica daquela indústria "impediria, ainda assim, a validade de tal conceito? A primeira das perguntas parece obter uma resposta quando os autores declaram que a "progressiva descaracterização conceptual do "Languedocense" foi iniciada entre nós de forma explícita e muito clarividente, por F. Bandeira Ferreira". É estranho que depois desta adjectivação, os autores venham, como veremos, a defender precisamente o oposto, que afinal é a essência do seu trabalho, isto é, a tentativa de demonstração que o "Languedocense" é de facto uma cultura com tempo próprio. Será que é a síntese tipológica, elaborada no seguimento da análise morfotécnica, empreendida pelos autores, que resolverá o problema? Na nossa opinião não, mas já lá iremos. Aliás, a necessidade de reconsiderar a alínea 1 "nos termos das tipologias modernas" tinha sido já apontada por V. O. Jorge 111, o que entretanto não chegou a fazer. Impõe-se deste modo um estudo morfotécnico e tipológico desta indústria, que seja preciso, conciso e seguro.

Os autores, ao tomarem como ponto de partida a certeza apriorística de ser o "Languedocense" "uma indústria (no sentido pleno da palavra) pós-paleolítica, coerente e integrada num processo natural de desenvolvimento das técnicas (...) "estão a tomar como ponto de partida aquilo que deveria ser o ponto da chegada, desacreditando toda a análise e síntese subsequentes, por

menos perfeitas e completas que elas tivessem sido.

Os autores, ao declararem que "análise tipológica, em sentido lato deve partir de bases sólidas, de uma amostragem exemplar (...)" estão a partir do pressuposto de que a amostragem por eles utilizada é de facto exemplar, o que como é óbvio, é impossível estabelecer a priori, visto o objectivo ser o de definir precisamente uma indústria até aí considerada como mal definida. Já se viu atrás que a amostragem utilizada para o efeito não foi exemplar, muito

¹¹¹ JORGE — op. cit. (v. nota 12).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

pelo contrário. No entanto, como os autores declaram, a metodologia ensaiada "não é inteiramente nova", referindo a propósito, o trabalho que um de nós apresentou em 1978 112. Cabe aqui referir que a metodologia apresentada naquele trabalho foi de facto desenvolvida num outro, anterior, de G. Z. e J. C. 113. Nele partiu-se do reconhecimento tipológico empírico, que é afinal o método objectivamente seguido na elaboração da lista-tipo apresentada pelos autores, dos tipos de artefactos presentes no Acheulense médio, Acheulense superior e "Languedocense" dos níveis médios, superiores e superficiais dos terracos médios do baixo vale do Tejo, completado com elementos do estudo de uma rica jazida paleolítica, objecto do referido trabalho, a qual, no conjunto, forneceu cerca de mil artefactos distribuídos pelos três períodos definidos.

Desta maneira, definiu-se uma sequência ordenada de 41 tipos de artefactos diferentes, a qual foi utilizada, por F. Bordes, há mais de trinta anos 114, e posteriormente adaptada por D. Sonneville-Bordes e J. Perret 115 ao Paleolítico superior, constituindo uma maneira rápida e cómoda de representação de uma indústria e, sobretudo, de comparação de indústrias diferentes, ou de iazidas diferentes.

Foi desta forma que, no trabalho citado (v. nota 40) se estabeleceu uma evolução tipológica do instrumental lítico do Acheulense médio para o Acheulense superior, e deste período para o "Languedocense", da região em estudo. Foi tendo em conta os bons resultados alcançados nesse trabalho que se tentou a aplicação da lista-tipo à jazida "languedocense" referida pelos autores (v. notas 39 a 41), tendo em conta o que já antes tinha ficado explicitado, isto é, a validade apenas regional da sequência tipológica e as limitações inerentes à quantidade de material, já por não terem sido organizados, na sua maior parte, para um trabalho desta índole, já por serem em si mesmo insuficientes. Do trabalho efectuado evidenciava-se todavia diferença entre as curvas cumulativas do "Languedocense" do baixo vale do Tejo e o daquela jazida da Beira Baixa. Tais diferenças foram explicadas atendendo à "conhecida longevidade do Languedocense, do Paleolítico médio ao Neolítico inclusive"; tal é a visão criticada pelos autores — e tal é a visão por nós mantida actualmente, como já anteriormente se afirmou e justificou.

É, portanto, legítimo admitir que durante este longo intervalo de tempo se tenha verificado um processo de diferenciação no espaço e no tempo, como de facto aconteceu, sem prejuízo da unidade global da indústria como tal, explicando-se desta forma os diferentes fácies regionais por ela assumidos de Norte a Sul do País.

¹¹² Cf. CARDOSO — op. cit. (v. nota 39).

TBYSZEWSKI: CARDOSO — op. cit. (v. nota 40).

114 Cf. por exemplo Bordes, F. — Principes d'une méthode d'étude des techniques de débitage et de la typologie du Paléolithique ancien et moyen. "L'Anthropologie", 54, 1950,

¹¹⁵ Cf. por exemplo SONNEVILLE-BORDES. D.; PERRET, J. — Essai d'adaptation des méthodes statistiques au Paléolithique supérieur. Premiers résultats. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 50, 1953, pp. 323-333.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

Para os autores haverá ... que "retomar, em termos sistemáticos e despidos de apriorismos, a caracterização do Languedocense 116 enquanto indústria lítica". Para isso postulam três condições essenciais que os conjuntos líticos deverão respeitar.

- Completo e não constituído "por peças seleccionadas".

— Homogéneo, "em que os riscos de associação com outras indústrias sejam mínimos, o que só pode ser conseguido em horizontes estratigraficamente selados ou de superfície mas uniformes em termos físicos".

- Numeroso.

Destas três características, admite-se que a jazida de Xerez de Baixo possuía duas, a primeira e a última. Quanto à segunda, pelo que ficou dito na introdução, é evidente que não possui. Desta forma, o estudo tipológico, feito pelos autores com objectivo de elaboração do "catálogo" tipológico do Languedocense, perde todo o interesse que poderia ter. Mais, mesmo que a segunda das condições se tivesse verificado, o objectivo do trabalho estava desde logo comprometido, à partida, por ser impensável que apenas com uma jazida se conseguia caracterizar uma indústria, muito menos quando essa indústria apresenta diferenciações regionais, como é o caso.

Sob este aspecto a lista-tipo referida anteriormente, apresentada para o vale do Tejo, cuja importância é salientada pelos próprios autores, é um ponto de partida real, por interessar um conjunto de jazidas clássicas não

obstante a limitação do material disponível em cada uma delas.

3 — Tentativa de caracterização

Na opinião dos autores, "tratando-se, no caso do Languedocense, de uma indústria pós-paleolítica, coerente e integrada num processo natural de desenvolvimento das técnicas, ele deve conter manifestações morfológicas e técnicas específicas, necessariamente desenvolvidas". Assim haverá possibilidade de definir os tipos.

Os autores declaram que na caracterização morfotécnica seguiram uma "lista estandardizante, exaustiva e hierarquizada de atributos de análise", embora tal lista, que se pretende com validade universal, se tivesse baseado

num conjunto acheulense de superfície 117.

Ao considerarem que formas mais complexas, como os protopicos e picos, hachereaux, bifaces, etc., podem sem grande prejuízo a este nível, serem integrados no grupo geral dos seixos, estão a cometer o erro de generalizar as características desta indústria, o "Languedocense", ao espectro tipológico da estação em causa. Já vimos os perigos que tal atitude representa.

¹¹⁶ De salientar a sistemática incorrecção dos autores ao escreverem no texto original Languedocense com l minúsculo. Se é uma indústria, como pretendem, deveriam ter escrito com maiúscula.

¹¹⁷ RAPOSO, L. — O Acheulense de Monte Famaco (Ródão). Os métodos de análise (Comunicação apresentada ao IV Congresso Nacional de Arqueologia), Faro, 1980.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

3.1. Características morfotécnicas

- 3.1.1. Dimensões. Fala-se em índice de espessura, referindo-se formas achatadas e muito achatadas; não se definem contudo os parâmetros de tal índice. O tamanho é uma característica directamente condicionada pela natureza da rocha, dureza, tipo de fragmentação e forma.
- 3.1.2. Formas. As figuras referidas como "seixos" mais ou menos circulares, que frequentemente apresentam um contorno total também circular, mas apenas parcialmente talhados, não são as figuras 51, 52, 53 mas sim as figuras 50, 51, 52 ¹¹⁸. O problema referido pelos autores da possível relação formal entre eles e os discos dos quais representam alguns exemplares, põe uma questão interessante, já que para nós as figures 50 e 51 serão núcleos mustierenses; assim, nunca os poderíamos ter associado, ao contrário do que os autores poderiam julgar", quer em termos tipológicos estritos, quer em termos puramente formais" pelo facto deles não serem associáveis: trata-se de tipos absolutamente diferentes embora podendo ser contemporâneos (num "Languedocense" mais antigo), pois enquanto uns teriam a função de núcleo, outros teriam a função de raspar (raspadeiras discoidais).
- 3.1.3. Características técnicas gerais. Os autores, relativamente à natureza petrográfica, salientam a dependência em relação à matéria-prima disponível, passando pela "escolha selectiva intencional das rochas locais, pouco duras, menos compactas, mais ou menos xistosas" (?). No que diz respeito ainda a este assunto, os autores citam a serpentina como rocha básica. Na realidade a serpentina não é uma rocha mas sim um mineral. Por outro lado citam o quartzito como rocha metamórfica. Na realidade o quartzito nem sempre é metamórfico. Quando não está metamorfizado é uma rocha sedimentar.

No que respeita à "massa inicial" salientam o elevado número de lascas "talvez" superior a 50%. Deveriam ter procedido a análise estatística mais aprofundada. Para além desta crítica, o facto de uma indústria apresentar um elevado número de lascas pode não significar que seja muito evoluída, pois outras indústrias houve muito mais antigas, onde esta característica é dominante, tal como no Mustierense.

No caso da cor e pátina, critério secundário na identificação da indústria

"languedocense" (estado físico), estamos de acordo.

Mais adiante, considerando o caso dos vestígios de utilização, os autores são de opinião que "este aspecto é seguramente um dos principais elementos caracterizadores desta indústria e, eventualmente, um importante traço distintivo entre as indústrias líticas paleolíticas e epipaleolíticas".

Tal ideia deverá ser aprofundada. Em qualquer indústria o que importa é o tipo de instrumento utilizado. O desgaste por sua vez pode ser maior ou

menor conforme ao uso mais ou menos prolongado.

¹¹⁸ Gralha do original, corrigida na versão publicada (n. da red.).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

3.1.4. Talhe. Os autores do trabalho acham abusiva a ideia de que as indústrias de tipo acheulense sejam "dominadas" ao nível dos seixos afeiçoados por talhe oblíquo ou mesmo sub-horizontal. Esta maneira de ver o problema não nos parece exacta. O que interessa é a sua importância percentual, que ainda não foi suficientemente caracterizada. No que diz respeito ao talhe alternante, ele não é característico do "Languedocense" e já existiu em indústrias de idade anterior.

Tipo de lascamento e percutor. Os autores salientam os percutores duros. Estamos de acordo com eles quando declaram que o talhe unifacial subvertical não é talvez a mais importante característica. Aliás, referindo o desaparecimento quase total de bifaces e de peças bifaciais no Acheulense terminal, acompanhado progressivamente por um aumento de inclinação dos levantamentos com que se talhavam os artefactos, poderá parecer acentuado pelos próprios autores que "a grande maioria das peças desta indústria terá sido obtida por percussão directa através de percutor duro "facto contrastante com a indústria acheulense, na qual a partir do Acheulense médio é comum o talhe com percutor macio.

3.1.5. Retoque. Ao referir-se ao modo de retoque, os autores declaram: "estamos em crer que esta característica é das que mais distinguem as "pebble-cultures" paleolíticas das pós-paleolíticas".

Ao considerarem implicitamente o "Languedocense" como "pebble culture", estão a contradizer tudo aquilo que disseram a este respeito no capítulo 2.2. Estatuto conceptual, onde pretendem demonstrar que o "Languedocense" tem características industriais próprias diversas da "pebble-culture".

- As formas afocinhadas frontais seriam raspadeiras nucleiformes.
- As formas afocinhadas laterais seriam raspadores diversos.
- As formas remontantes simples seriam raspadores laterais ou calhaus truncados consoante a localização do talhe.

Não nos parece evidente a lateralidade salientada pelos autores, que indicaria dextralidade, facto que seria a ter em conta na separação do "Languedocense" das indústrias paleolíticas, onde tal facto, segundo os autores, não se manifesta. Contudo, da análise de variadas figuras, por exemplo, as figs. 1 a 5 as peças aparecem-nos desenhadas indiscriminadamente para a esquerda e para a direita. Qual então o critério de tal procedimento?

Na p. 107 diz-se: "em grande percentagem dos seixos afeiçoados (mais de metade) verifica-se a ocorrência de um talhe/retoque de segunda ordem, sistematicamente sobrelevado (remontante) a tal ponto que se torna por vezes impossível ver, no anverso, os pontos de percussão situados no reverso. Estamos em crer que esta característica é das que mais distingue as "pebble-cultures" paleolíticas das pós-paleolíticas". Tal caso necessita de uma explicação mais clara.

3.1.6. Gume

3.1.7. Análise particular das lascas. No parágrafo "Designação e orientação" os autores do trabalho mostram que "o Languedocense é também uma indústria de lascas, no sentido em que parte significativa do seu instrumental é feito delas". Mais adiante dizem, falando das "lascas iniciais" e de outras de "descorticamento": "umas e outras apontam para uma actividade de extracção de lascas, mais do que para o afeiçoamento de seixos, já que estes são sacrificados (por seccionamentos sucessivos) às lascas pretendidas". O que parece claro desde já é que as características notadas revelam particularidades a ter em conta, diferentes no seu conjunto e representatividade das indústrias líticas paleolíticas.

De facto o "Languedocense" de Xerez de Baixo mostra grande abundância de lascas, sobretudo residuais. Ora uma indústria de lascas tem por obrigação apresentar em grande percentagem instrumentos afeiçoados sobre lascas o que não acontece aqui. Os autores utilizam uma terminologia não conforme

com a terminologia internacional.

3.2. Características tipológicas — Lista-tipo. Considerando a lista-tipo devemos fazer as seguintes observações:

a) Existência de "seixos raspadores", raspadeiras nucleiformes e calhaus

truncados, os quais aparecem na lista com outros nomes.

b) Presença de algumas peças tipicamente acheulenses, tais como os números 38, 42, 43, 44, 45, 46, 73 as quais não foram separadas do conjunto "languedocense".

c) Presença de peças mustierenses (50, 51, etc.), algumas com preparações de planos de percussão, assim como lascas saídas de núcleos mustie-

renses (75, 85).

d) Os exemplares representados nas figs. 86 a 89 não são verdadeiros percutores. São seixos trabalhados, aproveitados como percutores.

e) A designação de "seixo-lasca" parece-nos imprópria. Trata-se no caso presente de raspadores sobre lascas ou sobre fragmentos de seixos.

f) Parece ser errada a inclusão de lascas de descortinagem e seccionamento, que apenas denotam técnica, numa lista que se pretende tipológica.

g) As peças apresentadas nas figs. 76 a 81 não têm as características dos

"pesos de rede".

Comentário de José Meireles* — Respondendo ao convite que me foi formulado no sentido de elaborar um curto comentário a este artigo, gostaria de começar dizendo que estamos perante um texto polémico.

Polémico, não tanto pelos princípios metodológicos desenvolvidos e aplicados na tentativa de caracterização morfotécnica apresentada (ponto 3. do

^{*} Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Av. Central, 39, P-4700 BRAGA.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

referido artigo), já que estes se situam na tradição das propostas, que reputamos de extremamente válidas, de autores como R.-A. Fournier, J. Collina-Girard, A. Tavoso ou H. Roche mas, fundamentalmente, no que diz respeito ao tratamento que é dado ao problema da atribuição cronológica e estatuto conceptual da questão do Languedocense (ponto 2.), bem como quanto a algumas das conclusões apresentadas (ponto 4.).

A impossibilidade, por razões a que são completamente estranhos os autores daquele texto, de podermos dispor de uma documentação que nos permitisse um conhecimento mais detalhado sobre o real significado do conjunto de materiais provenientes da estação arqueológica de Xerez de Baixo, assim como o limitado espaço que temos à nossa disposição para elaborar esta apreciação, dificulta-nos, desde logo, a sua realização numa perspectiva tão fundamentada e aprofundada quanto seria nosso desejo.

Todavia e apesar destas condicionantes que acabamos de referir, seja-nos permitido chamar a atenção para algumas questões e dúvidas que este artigo

nos suscitou:

1. Causa-nos bastante admiração e estranheza, face aos princípios e posições defendidas pelos autores ao longo da sua exposição, o conteúdo da sua nota 14.

Com efeito, não conseguimos entender como lhes é possível separar o tal "quadro de referência" (v. nota 14) a que aludem, da metodologia que presidiu à sua elaboração. Na verdade, a mencionada "cristalização evidente da nossa arqueologia, especialmente a do Paleolítico" (p. 91), opinião que partilhamos em absoluto, não será ela decorrente dos princípios e métodos de análise empregues pela escola a que se referem? Não será a cristalização do conhecimento uma consequência directa da cristalização da metodologia aplicada por essa mesma escola?

Neste sentido, permitimo-nos considerar incorrecta a afirmação de que "todos quantos se dedicam ao estudo do Paleolítico português pertencem objectivamente a essa mesma escola" (v. nota 14). Aliás, julgamos que o próprio artigo agora publicado constitui, em alguns aspectos, uma prova manifesta disso.

Impõe-se, assim, uma coerência nas posições assumidas, levando-as até às suas últimas consequências.

2. Gostaríamos, igualmente, de ver esclarecida a posição dos autores relativamente a certas "indústrias (ou pseudo-indústrias)" (v. nota 22) como o Ancorense.

Na verdade, naquela nota é lançada a dúvida sobre a existência de tal indústria, enquanto nas conclusões do artigo em causa se afirma, explicitamente: "que dois importantes e verdadeiros fácies costeiros languedocenses tenham sido o Mirense, ao Sul, e o "Ancorense" ao Norte (...) parece algo de pacífico" (p. 118).

Que princípios, que critérios e, fundamentalmente, que investigação de campo serve de fundamento a L. Raposo e a A. Carlos Silva, para que lhes seja possível considerar a problemática do "Ancorense, com desenvolvimentos

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

prováveis para o Asturiense" (p. 118), como tratando-se de uma questão pacífica e, desde logo, resolvida?

A que conjuntos líticos, provenientes do litoral norte do país, preenchendo os requisitos, tidos pelos autores como indispensáveis (ou seja, numerosos, completos e homogéneos) e com os quais concordamos totalmente, tiveram eles acesso para formular e, sobretudo, legitimar uma tal conclusão?

Parece-nos, efectivamente, ser importante recordar neste momento as concepções, expressas aliás pelos próprios no final da sua nota 40 e segundo as quais "interessa (...) desde já chamar a atenção para a fragilidade da aplicação, a regiões diferentes da originária e a diferentes conjuntos industriais, de um mesmo espartilho (ainda que chamado "lista-tipo")" (v. nota 40), mesmo quando esse espartilho é elaborado sobre o conjunto de materiais provenientes da estação arqueológica de Xerez de Baixo, acrescentaríamos nós.

Julgamos, assim, que algumas das conclusões formuladas, pelo espírito generalizador que lhes está subjacente e "apesar de motivadas por preocupações pertinentes, são porém primárias, porque desligadas do estado real dos nossos conhecimentos na actualidade" (p. 119). E continuando ainda a seguir o pensamento dos responsáveis pelo artigo, "esta ideia, aliás hoje corrente, de querer dar resposta às "grandes" questões sem resolver as "pequenas", é particularmente nefasta, porque dificulta o estabelecimento de linhas de pesquisa sólidas e remete-nos necessariamente para o terreno das "convicções" pessoais e das falsas comparações geográficas, que não têm em conta os simples fenómenos de convergência" (v. nota 102).

Será que não poderemos aplicar aos autores, as críticas por eles próprios formuladas a V. O. Jorge, quando acusam este investigador de se situar "principalmente no plano da discussão teórica, não escorada em dados de campo" (p. 92)?

Não será que "a generalidade" (a generalização, diríamos nós) "nos conceitos operatórios está na razão inversa da pertinência, e quando a primeira se sobrepõe à segunda bem se pode considerar caduco o conceito" (p. 97)?

3. Desejaríamos também, segundo o nosso ponto de vista, chamar a atenção dos signatários do artigo, para um lapso em que incorrem quando abordam a problemática do talhe. Com efeito, ao tratarem o domínio da orientação, quer-nos parecer existir uma confusão entre talhe alternante e talhe alterno. Na verdade, o primeiro, designa os levantamentos efectuados, alternadamente, de uma e depois de outra face num mesmo bordo; o segundo, verifica-se quando estes mesmos levantamentos são realizados de uma face para um bordo e de outra face para um outro bordo.

Ora, a situação referida no texto parece-nos, efectivamente, mais consentânea com a segunda acabada de mencionar. Aliás, a própria documentação gráfica que acompanha este artigo contempla, predominantemente (e não obstante a qualidade dessa mesma documentação dar azo a dúvidas e, consequentemente, dificultar a compreensão dos materiais apresentados), também esta última.

4. Finalmente, face aos princípios metodológicos apresentados neste artigo e aplicados noutras circunstâncias, parece-nos discutível a classificação tipológica atribuída aos materiais representados nas figs. 40 e 41.

Do mesmo modo, ser-nos-ia grato ver melhor explicitado o conceito de

"degenerado" aplicado ao biface da fig. 45.

Apesar de não nos ter sido possível tomar conhecimento das condições de jazida existentes na estação arqueológica de Xerez de Baixo (e do consequente contexto estratigráfico dos seus materiais) e relativamente a este último tipo de artefactos, fica-nos a mesma dúvida que L. Méroc havia colocado relativamente a materiais idênticos da estação de Saint-Clar 119.

Em conclusão, gostaríamos, no entanto, de salientar aqui que, apesar de não nos encontrarmos completamente convencidos de que algumas das conclusões deste trabalho estejam necessariamente correctas, julgamos que, mesmo assim, ele constitui uma tentativa válida, no sentido de prestar um contributo para uma redefinição da orientação da investigação. Para tal, impõe-se, tão-só, que o entendamos, e supomos ser essa também a opinião dos seus autores, como um esforço preliminar, uma proposta de linhas de pesquisa a seguir e a desenvolver, no quadro de um futuro e mais aprofundado conhecimento neste domínio. Assim sendo, as questões e objecções que anteriormente apresentamos, não pretendem, de forma alguma, retirar o mérito que lhe é devido. Antes pelo contrário, pensamos que a discussão que, por certo, daí resultará, será salutar e traduzir-se-á por um importante avanço na clarificação deste importante problema da Pré-História nacional.

Não desejamos finalizar este nosso breve comentário, sem deixar aqui

uma pequena sugestão.

Segundo nos é apresentado pelos autores, os materiais oriundos da estação de Xerez de Baixo constituem um conjunto completo, sem qualquer selecção prévia, numeroso, logo representativo sob o ponto de vista estatístico e homogéneo, como tal estratigraficamente bem definido. Esta parece ser, efectivamente, uma realidade.

Neste sentido, no estado actual dos nossos conhecimentos e com o intuito de evitar uma pulverização (eventualmente prejudicial, neste momento, para a própria investigação) no âmbito da nomenclatura, parece-nos aceitável manter o designativo Languedocense. Todavia, sugerimos aqui que, futuramente e uma vez verificado o acesso a um maior número de conjuntos de materiais, que preencham as características daquele que serviu de base à elaboração do artigo que agora comentamos, e face à indefinição e progressiva descaracterização de que vem sendo alvo a indústria languedocense em França ¹²⁰, seja realizada, de acordo com os resultados então disponíveis, uma reavaliação, uma nova apreciação do real significado cultural tido entre nós por estes materiais.

¹¹⁹ MÉROC — op. cit. (v. nota 5).

¹²⁰ SIMONNET — op. cit. (v. nota 107).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

Réplica dos autores — Torna-se difícil, no espaço disponível, responder às duas recensões críticas de que, com agrado, tomámos conhecimento. De facto, não somente uma delas surge desenvolvida e recheada de pormenores a que é materialmente impossível replicar individualmente, como se trata de dois textos estruturalmente diversos, frequentemente mesmo cruzados nas críticas que formulam. Embora desejássemos reservar estas nossas linhas à discussão das questões de fundo que ambos os textos colocam, somos forçados a esclarecer outros aspectos, secundários mas nem por isso menos relevantes no confronto, necessário, com um certo establishment instituído — e isto sem que nós próprios, ao contrário de J. M., deixemos de nos sentir a ele ligados.

Não nos detendo nas numerosas referências a aspectos particulares, alguns de que somos os primeiros a reconhecer a justeza das críticas feitas (talhe alternante, em vez de alterno; serpentina, em vez de serpentinite; uso de letra minúscula na designação de indústrias líticas; etc.) e por isso surgem revistos no texto final publicado, julgamos possível estabelecer a seguinte arrumação dos comentários recebidos:

1. Questões relacionadas com a estação do Xerez de Baixo. Para além de assumirem (erradamente) que esta é a única fonte documental para o nosso trabalho, esquecendo que a consideramos apenas como base exemplificativa, o que os leva quer a erguer fantasmas que muito bem combatem (uma só estação não pode definir uma indústria tão ampla e diversificada), quer a manifestar incompreensão pela prudência com que nos expressamos ("talvez" mais de 50% dos artefactos de todo o Languedocense sejam lascas), para além disto, as considerações de G. Z., C. P. e J. C. situam-se sobretudo no plano da representatividade deste local, que discutem a dois níveis: não homogeneidade do conjunto lítico languedocense; insuficiência numérica e qualitativa do mesmo. Em relação ao primeiro aspecto, estipulam estes autores que no Xerez de Baixo existem: algumas peças de duas indústrias diferenciadas (Acheulense e Mustierense), a primeira das quais representada através de uma "série acheulense antigo-média" e outra "acheulense superior"; uma indústria (o único único conjunto como tal plenamente considerado) languedocense; abundantes lascas residuais, que estranhamente não são atribuídas a qualquer dos conjuntos anteriores. Trata-se, em nossa opinião, de uma mera profissão de fé, que não tem como suporte mais do que as convicções dos autores. Senão vejamos: ao contrário do que G. Z., C. P. e J. C. possam pensar, nós não ignoramos o interesse auxiliar, de aplicação local e condicionada, da seriação por graus de rolamento. No caso vertente, nós próprios separámos do conjunto, e nisso estamos de acordo, a série que G. Z., C. P. e J. C. consideram "acheulense antigo-média" (e nisto discordamos, por nos parecer gratuita tamanha precisão). Fizemo-lo com base no critério dos graus de rolamento, atendendo às características específicas do local (a série rolada é diminuta — 5% do total — e surge descentrada no terreno relativamente à abundante série languedocense). Todo o restante material se apresenta em estado físico semelhante: não descolorido e de arestas vivas (algumas peças, mas não apenas as que G. Z., C. P. e J. C. considerariam "acheulenses" e "mustierenses", apresentam ligeiros

indícios de eolização). Daí que qualquer divisão operada neste conjunto se tenha de basear apenas em critérios tipológicos — o que "reacende" nos nossos dias a "velha querela" dos fósseis-directores. Tal como F. Bordes 121 e muitos outros, também nós pensamos que há em Arqueologia pré-histórica um lugar para aquele conceito; mas ele deve ser aplicado com grande prudência e realismo. Se, por exemplo, não é possível esperar encontrar (na Europa ocidental, entenda-se) "bifaces cordiformes de tipo e técnica mustierense, bifaces de tipo e técnica micoquense, pontas à cran de tipo e técnica solutrense, etc." (tudo na acepção francesa dos termos) fora de faixas cronológico-culturais mais ou menos restritas, já uma lasca de técnica clactonense, um biface simples, um núcleo discóide (ainda que de técnica mustierense), etc. se pode admitir existirem em muitas épocas (sobretudo, como é o caso, quando se trate de escassos exemplares dentro de conjuntos maiores). Ser-nos-ia possível apontar a dedo quais as peças que G. Z., C. P. e J. C. (embora cada um de per si pudesse não concordar inteiramente com as triagens dos restantes ...) incluiriam nas suas "séries" mais antigas. Admitimos mesmo que algumas dessas (ou de outras) peças não pertençam de facto à série languedocense num conjunto de superfície tal é sempre possível. Não será, porém, com base em princípios de avaliação tipológica subjectivos, rudimentares e apriorísticos ou pré-concebidos 122 que tal poderá ser afirmado. De resto, o significado de tais casos seria irrelevante, quer estatística (nunca mais de 3%) quer qualitativamente (os próprios autores em referência são os primeiros a reconhecer, no interior de cada tipo onde vislumbram peças mais antigas, a existência de outras efectivamente languedocenses). A desmontagem deste equívoco de base esclarece ainda as incompreensões de G. Z., C. P. e J. C. em relação ao horizonte in situ por nós sugerido - horizonte onde, de resto, todos estaremos de acordo em considerar languedocenses os materiais aí recolhidos.

Nestas condições, parece-nos ficar claro que a série languedocense do Xerez de Baixo é de facto tão homogénea quanto é possível tal ser afirmado para um conjunto quase totalmente de superfície. E mesmo admitindo — o que reconhecemos ser discutível — que possa corresponder a uma fase já neolítica (pela presença de alguns fragmentos, aliás muito erodidos, de cerâmica que por agora apenas consideramos estarem em aparente associação com a indústria lítica) tal nunca invalidaria a sua adopção como base exemplificativa, de acordo com o princípio que seguimos no nosso trabalho.

Quanto à grandeza numérica do conjunto lítico do Xerez de Baixo, afirmam G. Z., C. P. e J. C. que conhecem estações languedocenses muito mais vastas e representativas. Excluindo as mirenses e "ancorenses" (que adiante discutiremos e, como se verá, pensamos constituírem realidade que pode e

¹²¹ BORDES, F. — A propos d'une vieille querelle: peut-on utiliser les silex taillés comme fossiles directeurs?. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 47, 1950, pp. 242-246. ID. — A propos d'une vieille querelle ... rallumée. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 47, 1950, pp. 389-391.

¹²² CLARK, G. A. — El Asturiense cantábrico (Biblioteca Praehistorica Hispana, 13), 1976, espec. p. 24.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

deve ser tratada separadamente) muito gostaríamos de saber onde estão tais estações. Uma rápida pesquisa bibliográfica conduz-nos ao seguinte quadro das principais "estações" onde, no interior, foi considerado existir (bem ou mal) horizontes "languedocenses":

AS PRINCIPAIS "ESTAÇÕES LANGUEDOCENSES" DOS VALES FLUVIAIS DO INTERIOR

Estações	Total do	s Apenas s as lascas	Observações
Vale da Fonte (Belver)	95	14	série II (Languedocense)
Eirinha (Almonda)	37	27	série III (Languedocense)
Chamiço (Mato Miranda) Vale de Figueira	27	12	série II (Mustiero-Languedocense)
(S. Cristóvão)	19	1	série IIa+IIb (Languedocense)
Vale do Forno (Alpiarça)	28	3	série IV (Languedocense)
Barreira do Tojal (Alpiarça)	35	7	série IV (Languedocense)
Muge (vários locais)	83	11	série IV (Languedocense)
Porto Sabugueiro (Salvaterra			série II (Languedocense+objectos
de Magos)	20	3	de estilo languedocense)
Paul de Magos (Salvaterra de			série IV (Mustiero-Languedocense
Magos)	22	17	e Paleolítico superior)
Moinhos de Benavente	117	33	série única (Languedocense)
Cascalheira N.E.			série IV (Mustiero-Languedocense
de Alcochete	65	9	com elem. lusitanianos)
Batel (Alcochete)	32	4	série III (Languedocense)
Alto da Pacheca (Alcochete)	316	14	série IV (Mustiero-Languedocense)
Samouco (Montijo)	463	129	série III+IIb (Mustiero-
			-Languedocense)
Porto da Boga (Caia)	15	3	série III (Languedocense)
Monte da Faia (Caia)	40	15	série IV (Languedocense)
Xerez de Baixo (Monsaraz)	678	472	(excluindo esquírolas de talhe
			e lascas muito pequenas)

Há que reconhecer serem raros os casos que se possam comparar, quer em termos quantitativos, quer em termos tipológicos (num desdobramento por tipos os resultados seriam idênticos), ao Xerez de Baixo ¹²³. E mesmo nestes, haveria que discutir tanto a seriação de base estabelecida, como a

¹²³ Não se incluem neste quadro diversos locais (Chamusca, Casalinho, Quinta do Outeiro, Alto do Freixo, Quinta da Gouxa, Marinhais, Sto. Estêvão, etc.) onde o número de artefactos descritos é diminuto e onde existem na mesma área outros melhor representados. No caso do Guadiana e afluentes, torna-se difícil qualquer quantificação dada a insuficiência de dados disponíveis (os roteiros de viagem de Abel Viana, por exemplo, publicados no "Arquivo de Beja", não podem ser tidos em conta por apenas revelarem, para cada ponto da longa lista de locais visitados, um número restrito de peças recolhidas de passagem).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

caracterização cultural obtida ("languedocense pura" ou "mista") e a própria consideração como instrumentos de artefactos que nós incluímos no grupo das lascas.

2. Languedocense — cronologia e estatuto. Consideram G. Z., C. P. e J. C. a questão cronológica como "pedra de toque", a que fugimos. Nada disso: apenas entendemos que não só é necessário, antes de procurar datar, saber do que falamos, como também, no caso presente, existem já hoje entre nós maiores convergências de opinião em matéria de cronologias. De facto, enquanto pelo menos G. Z. (na sequência de H. Breuil) não admitia há anos atrás que o Languedocense pudesse ser essencialmente epipaleolítico, hoje fá-lo. Donde apenas continuamos a divergir no "resto": no suposto "Languedocense antigo", parte de um todo, de "uma unidade global da indústria como tal", do Mustierense ao Neolítico inclusive. À nossa observação do absurdo contido numa tal longevidade, respondem G. Z., C. P. e J. C. com um argumento tão inconsistente que não pode ser tomado seriamente (utilizar a duração do Acheulense para justificar tamanha longevidade no Languedocense releva de uma visão totalmente a-histórica, que não tem em conta a dimensão tempo própria de cada período cronológico-cultural 124).

E para a manutenção do dito "Languedocense antigo" que resta a G. Z., C. P. e J. C.? Os magros achados in situ do litoral sul, onde não existem os típicos machados mirenses em depósitos plistocénicos? As indústrias do Norte, ainda muito mais problemáticas? As estações do interior, onde o panorama é o que consta do quadro supra, sendo os achados in situ ainda mais inconclusivos (quer em termos quantitativos, quer em termos tipológicos, até porque, curiosamente, as poucas séries numericamente significativas são as que se designam por "mustiero-languedocenses", sendo de supor que os elementos "languedocenses" aí considerados correspondam ao falso arquétipo a que nos referimos no nosso trabalho e possam, por conseguinte, ser assimilados pela componente "mustierense") e frequentemente em depósitos de datação duvidosa (caso do Languedocense da estação dos Moinhos de Benavente, in situ sob uma camada de "areia móvel dunar que data do fim do würmiano" areia que afinal contém na base "sílex mesolíticos e alguns vestígios neolíticos" 125)?

Outra questão, esta de maior interesse, é a estranheza no hiato a que o posicionamento que propomos para o Languedocense iria conduzir entre os

¹²⁴ Ou, por outras palavras, a "aceleração do progresso", a que, entre outros, se referem F. Bourdier e A. Cailleux, a qual consistiria no facto, válido globalmente, de que ao longo das épocas as sucessivas "civilizações" (i. é, indústrias líticas) durarem cada vez menos tempo, lei a que o "Languedocense" de G. Z., C. P. e J. C. fugiria de forma verdadeiramente aberrante. Cf. BOURDIER, F. — Les caractères distinctifs de chaque glaciation alpine d'après les couvertures de loess et les sols d'altération. "Société Belge Géologique, Session extraordinaire", 1946, pp. 332-347. CAILLEUX, A. — Datation absolue des principales industries préhistoriques. Bulletin de la Société Géologique Française", Ser. 7, 5, 1963, pp. 409-413.

¹²⁵ BREUIL, H.; ZBYSZEWSKI, G. — Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire, I. "Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", XXIII, p. 303, 1942.

complexos industriais sobre seixos do Paleolítico Inferior e os do Epipaleolítico. Nós próprios (v. nota 22) aflorámos esta questão, julgando possível vir a encontrar, adentro do Paleolítico e em paralelo com outras já conhecidas, designadamente as leptolíticas, indústrias de base macrolítica (embora a questão de saber se não se trata de simples fácies locais de outras indústrias envolventes se deva aqui pôr insistentemente). Haverá que procurar tais conjuntos, tal como será necessário rever as colecções epipaleolíticas clássicas à luz duma revalorização das macroutensilagens que contenham. No entanto, mantemos que tais indústrias, a existirem e uma vez individualizadas, muito ganharão em ser designadas autonomamente, até porque não nos parece admissível pretender encontrar entre elas laços de filiação, que conduziriam, no limite, ao absurdo de uma "cultura de seixos paralela", desde os conjuntos pré-acheulenses até épocas plenamente históricas.

Há, em nossa opinião, toda a vantagem em reservar a designação de Languedocense (ou, tal como sugere J. M., outra, no futuro) para apenas uma das várias indústrias de base macrolítica (a dos vales fluviais do interior: Tejo e Guadiana, principalmente) que constituem um dos filae do nosso Epipaleolítico, prolongando-se até muito mais tarde, e considerar os "Languedocenses" mais distantes, designadamente o do Garona, que uma recente tese de J. Vagner 126 confirma de forma irrefutável ser plenamente neolítico, como

simples fenómenos de convergência.

Outras indústrias congéneres do Languedocense tal como agora o definimos, poderão ser o Mirense, a Sul, e o "Ancorense", a Norte. Em relação a este último, toda uma série enorme de problemas, patentes ao longo de uma extensíssima bibliografia 127, se podem colocar. Não obstante se continuar a duvidar da sua existência autónoma (quer sob esta designação, quer sob a de "Camposanquiense") e da sua cronologia, admitindo-se por vezes datações bastante recentes 128, a verdade é que nos parecem simplistas argumentações como as de G. A. Clark 129, que remetem tudo o que não conseguem explicar ou não entra nos seus conceitos restritos (e eventualmente correctos) de Asturiense para bem distante no tempo (Paleolítico inferior e médio). Será importante no futuro confirmar se existem de facto (como nós cremos) e qual o conteúdo rigoroso de indústrias macrolíticas epipaleolíticas (talvez mesmo mais antigas, se fizermos fé — o que é discutível — nas datações e caracterizações tipológicas de K. Butzer para as Gândaras de Budiño) no litoral galaico--português. Até lá, toda a prudência é pouca e aceitamos sem dificuldade a acusação de J. M. de termos, nas nossas conclusões, utilizado uma formulação demasiado afirmativa, que não corresponde à essência do nosso pensamento.

¹²⁶ VAGNER, J. — Les civilisations néolithiques en Languedoc occidental. Inventaire et étude des habitats. E.M.E.S.S., Toulouse, 1983 (informação oral de J. Guilaine).

¹²⁷ Cf. por exemplo a síntese apresentada em ENCINAS, J. M. — El Camposanquiense: datos para una revisión crítica, in "II Seminario de Arqueología del Noroeste", Madrid, Min. de Cultura, 1983, pp. 40-57.

¹²⁸ VASQUEZ VARELA, J. M. — Nuevos datos y perspectivas sobre el Camposanquiense de Galicia. "O Museo de Pontevedra", XXXIV, 1980, pp. 69-78.

¹²⁹ CLARK — op. cit. (v. nota 122).

3. Questões particulares, relacionadas com a caracterização morfotécnica e tipológica por nós ensaiada. Finalmente, entre os inúmeros aspectos de pormenor a que se referem os dois comentários em apreciação, não podemos

deixar de referir os seguintes:

— qualificativo de "degenerado", utilizado no n.º 5 da nossa lista-tipo. Ao contrário de H. Breuil e certamente de G. Z., C. P. e J. C., nós pensamos, como R. Simonnet ¹³⁰, que o instrumental languedocense "longe de traduzir uma decadência ... dá conta de uma evolução". No caso concreto e no plano particular das técnicas de talhe, embora achemos inadequada a comparação dos bifaces languedocenses com os acheulenses, é certo que há nos primeiros uma concepção geral menos bifacial, seja na elaboração do talhe de cada face, seja nos ângulos formados entre as áreas talhadas nos dois lados de cada face e nas duas faces entre si. A designação "degenerado" (que utilizamos sempre entre aspas) procura dar conta desta realidade. E embora se possa considerá-la infeliz, ela tem uma tradição de que nos pareceu desnecessário prescindir ¹³¹.

— relação morfológica (e funcional?) entre os seixos talhados em toda ou quase toda a periferia e os discos. Para G. Z., C. P. e J. C. tudo se resolve com facilidade: uns são núcleos (e mustierenses! ...), outros "raspadeiras discoidais". Ou seja, sem atender às preocupações e vias de pesquisa moderna acerca da funcionalidade dos instrumentos pré-históricos (chegando mesmo a afirmar que o "desgaste" não interessa ao estudo das indústrias líticas! ...) aqueles autores intuem o uso a partir da forma dos objectos. Mas se assim fosse, porque não considerar, por exemplo, como outros o fizeram, os discos languedocenses como "tampas de vasos" ¹³²?! Toda a liberdade imaginativa poderia ser aceite. Pela nossa parte, reconhecemos não ter estabelecido fronteiras claras entre estes tipos de peças, embora admitamos que um estudo mais aprofundado possa vir a melhor as definir; o que nos recusamos é a seguir pela via dos autores em referência.

— Designação e inclusão dos vários tipos na lista-tipo. Prosseguindo a sua perspectiva funcionalista clássica preferem G. Z., C. P. e J. C. designar parte dos tipos que procurámos individualizar por "seixos raspadores, raspadeiras nucleiformes, calhaus truncados", etc. A nós compete-nos apenas manter a designação e descrição morfotécnica que propomos. Outras designações parecem-lhes impróprias (e chegam a invocar uma terminologia internacional a que afinal nunca atendem). É o caso de "seixo-lasca" e "indústria de lascas",

¹³⁰ SIMONNET, R. — Habitat et fonderie protohistoriques à charbon, Commune de Varilles (Ariège). "Gallia-Préhistoire", XIII (1), p. 215.

¹³¹ Os termos "degenerado" e "degenerescência" são, de resto, utilizados também modernamente em sentido idêntico ao nosso. Assim, por exemplo, J. Chavaillon fala na degenerescência dos choppers (e sem aspas ...) na passagem do Olduvaiense para o Acheulense de Melka Konturé. Cf. CHAVAILLON, J. et. al. — Le début et la fin de l'Acheuléen à Melka Konturé: méthodes pour l'étude des changements de civilisation. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 75, 1978, pp. 105-115.

¹³² Apud CLARK — op. cit. (v. nota 122), pp. 242 e 259.

designações por nós utilizadas em situação de recurso, a primeira preferível à de "raspadores sobre lasca", dada a intenção em fazer aproximar as peças que recobre dos restantes seixos lascados (afastando-as dos verdadeiros raspadores sobre lasca), a segunda utilizada num contexto bem definido e por nós explicitado, numa asserção que vários autores legitimam ¹³³, e querendo significar que grande parte das lascas não são simplesmente residuais, mas sim efectivamente utilizadas. Por fim, quanto à inclusão na lista-tipo de determinadas lascas de talhe, embora reconheçamos ser uma opção discutível, ela deveu-se ao facto de às mesmas atribuirmos um conteúdo tipológico mais vasto do que o meramente técnico ¹³⁴.

Março de 1984

¹³³ Cf. por exemplo LAMING-EMPERAIRE, A. — Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul (C.E.P.A., Manuais de Arqueologia, 2), 1967, p. 35.

¹³⁴ Aliás, dois dos autores que agora formulam este comentário incluem também numa listatipo por si concebida as "lascas residuais", procedimento que, não sendo exactamente o nosso,
muito mais justificaria a crítica que agora nos endereçam. Cf. ZBYSZEWSKI, G.; CARDOSO, J. L. —
As indústrias paleolíticas de Samouco e sua posição dentro do conjunto quaternário do Baixo Tejo.
"Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal", LXIII, 1978, pp. 547-609.

Por outro lado, a inclusão de lascas ou até meros resíduos de talhe em listas de tipos é uma opção inteiramente defensável se tais peças são ou podem ser tidas por características de uma certa técnica de talhe, época ou indústria. Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, a seguinte nota: BORDES, F. — Notules de typologie paléolitique. II: Pointes levalloisiennes et pointes pseudo-levalloisiennes. "Bull, de la Société Phréhistorique Française" Paris, 50 (5-6), 1953, p. 311-313 (pág. 313).

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

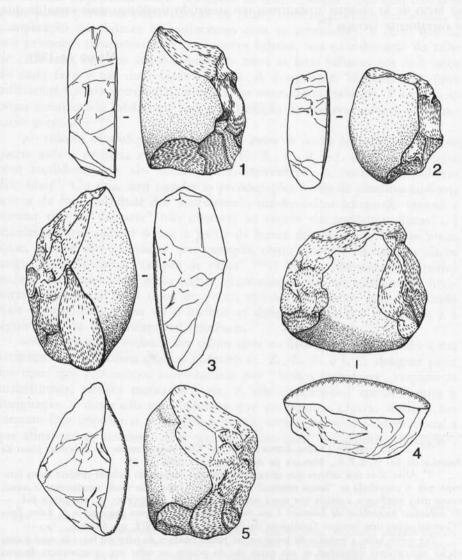


Fig. 1 — 1 a 5 - Seixos unifaciais. "Seixos-raspadeiras", de retoque muito fino, quase lamelar (n.º 1.1. da lista-tipo). Esc. 2:3.

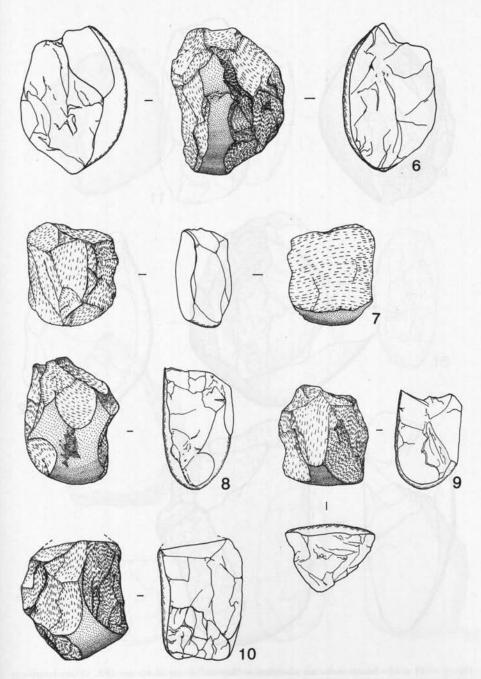


Fig. 2 — 6 - Seixo unifacial afocinhado frontal, espesso (n.º 8 da lista-tipo). 7 a 10 - Seixos unifaciais, afocinhados frontais (n.º 1.2. da lista-tipo). O seixo representado na fig. 7 é sobre lasca, próximo portanto dos seixos do tipo 1.4.2. da lista-tipo; prevalece, porém, o afocinhamento frontal nele patente. Esc. 1:2.

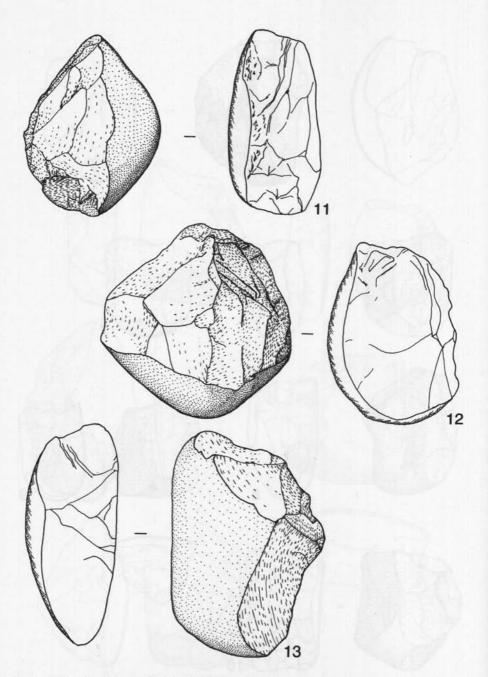


Fig. 3 — 11 a 13 - Seixos unifaciais afocinhados "laterais" ("raspadores em D"). O afocinhamento é dado pelo talhe de 2.ª ordem, remontante vertical, apenas num sector (n.º 1.3. da lista-tipo). O seixo representado na fig. 12, atípico (n.º 8 da lista-tipo), apresenta o afocinhamento em posição distal por se equivalerem os eixo-maior e largura-máxima morfológicos; é contudo, formalmente, um seixo afocinhado lateral. Esc. 2:3.

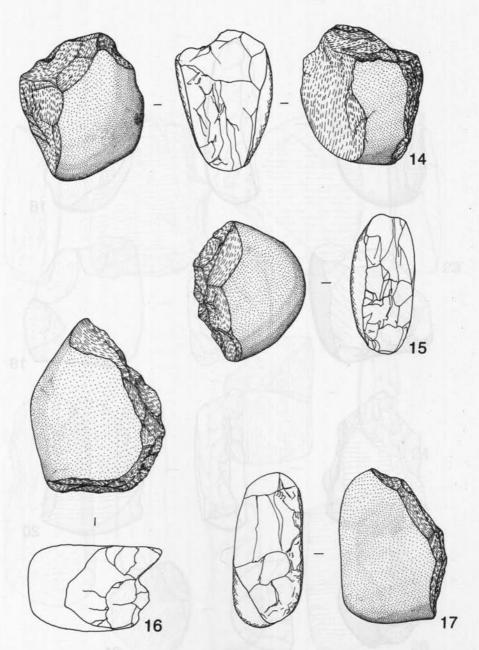


Fig. 4 — 14 - Seixo unifacial reunindo algumas características consideradas típicas (talhe periférico, altamente remontante), mas espesso (n.º 8 da lista-tipo). De notar neste caso a utilização de tipo especial patente no massacramento das arestas do gume, que não são sequer visíveis do anverso. Utilizado também como percutor. 15 a 17 - Seixos unifaciais simples, típicos (n.º 1.4.1. da lista-tipo). Esc. 1:2.

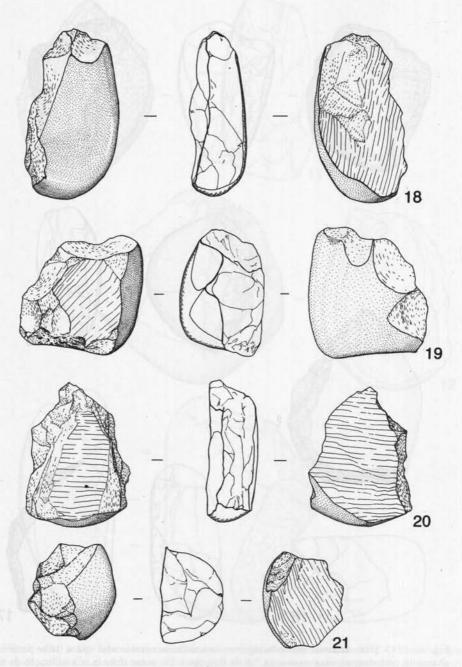


Fig. 5 — 18 e 20 - Seixos unifaciais, típicos, achatados por clivagem anterior ao talhe (n.º 1.4.2. da lista-tipo). 19 - Seixo bifacial, com clivagem anterior ao talhe, paralela ao reverso (n.º 9 da lista-tipo). 21 - Seixo unifacial, com clivagem termica anterior ao talhe (n.º 6 da lista-tipo). Esc. 1:2.

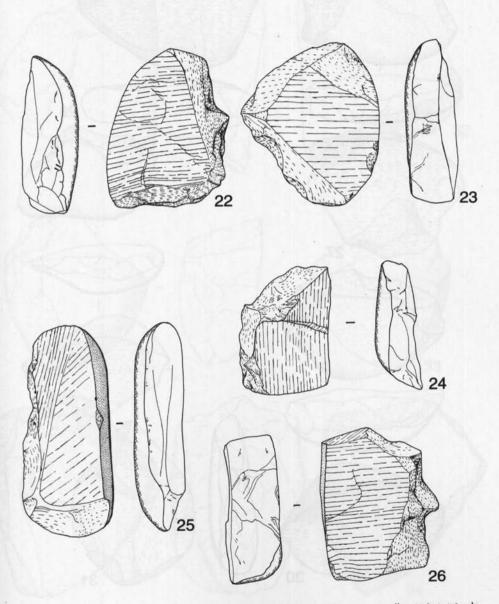


Fig. 6 — 22 a 26 - Seixos unifaciais, achatados por clivagens anteriores ao talhe (n.º 1.4.2. da lista-tipo). Todos eles apresentam gumes de tendência denticular, constituídos por "dentes" (em geral apenas um em cada instrumento), definidos por entalhes de ombro. Esc. 1:2.

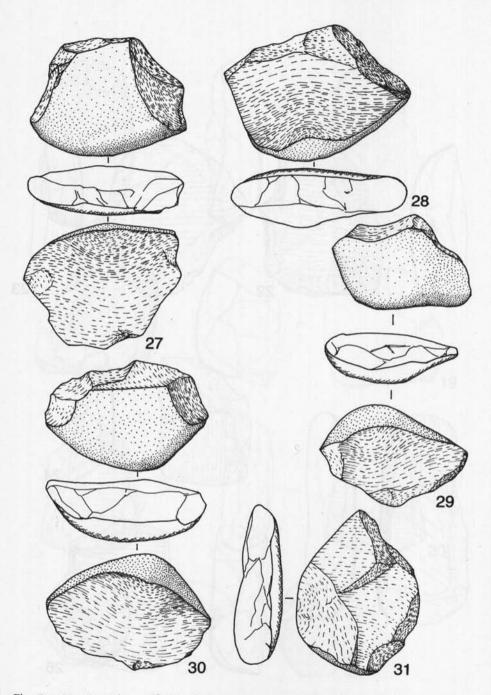


Fig. 7 — 27 a 31 - Seixos unifaciais, directos e inversos, sobre lasca ("seixos-lasca") (n.º 1.4.3. da lista-tipo). Esc. 2:3.

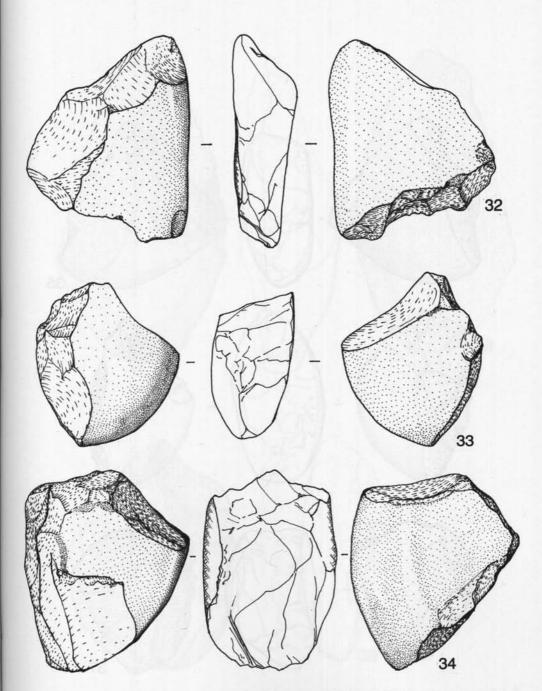


Fig. 8 — 32 e 33 - Seixos bifaciais, de talhe alterno (n.º 2 da lista-tipo). De notar o tratamento técnico-funcional desigual de cada um dos lados do gume convergente. 34 - Seixo unifacial idêntico ao da fig. 14 (n.º da lista-tipo). Utilizado também como percutor. Esc. 2:3.

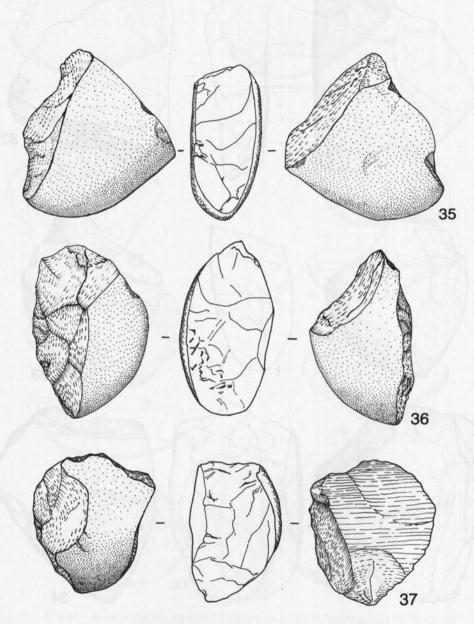


Fig. 9 — 35 e 36 - Seixos bifaciais, de talhe alterno, idênticos aos das figs. 32 e 33 (n.º 2 da lista--tipo). 37 - Seixo bifacial, de talhe alterno, sobre clivagem anterior ao talhe. Afocinhado frontal (n.º 1.2. da lista-tipo). Esc. 2:3.

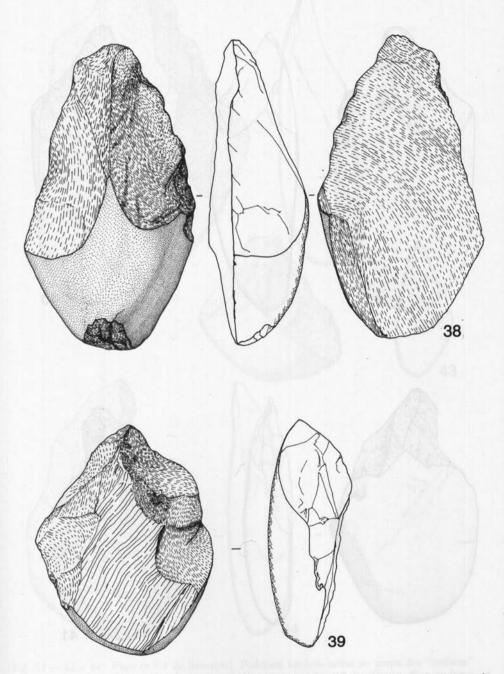


Fig. 10 — 38 - "Uniface" sobre lasca (n.º 3 da lista-tipo). 39 - "Uniface" sobre seixo (n.º 3 da lista-tipo). Esc. 1:2.

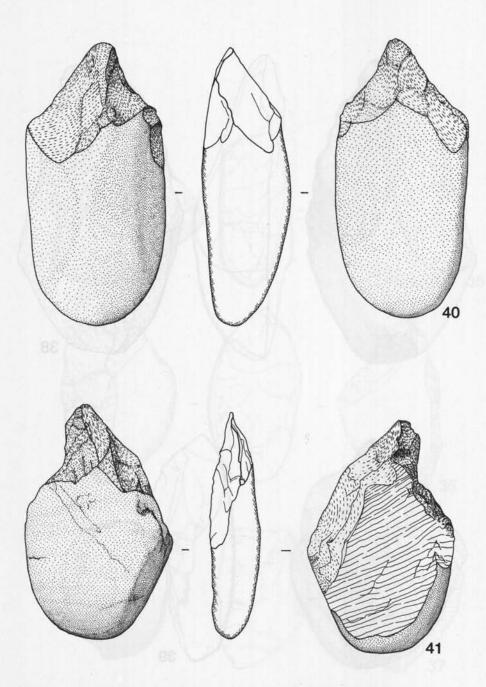


Fig. 11 — 40 - Protopico (n.º 4 da lista-tipo). 41 - Pico (n.º 4 da lista-tipo). Ambas as peças poderiam entrar no grupo dos bifaces ("protobiface" a primeira e "biface partial" a segunda), mas o carácter predominantemente periférico do talhe desaconselha tal classificação. Esc. 1:2.

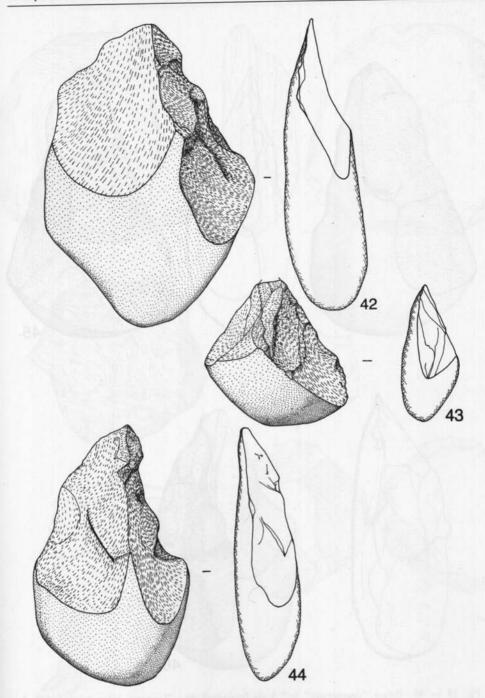
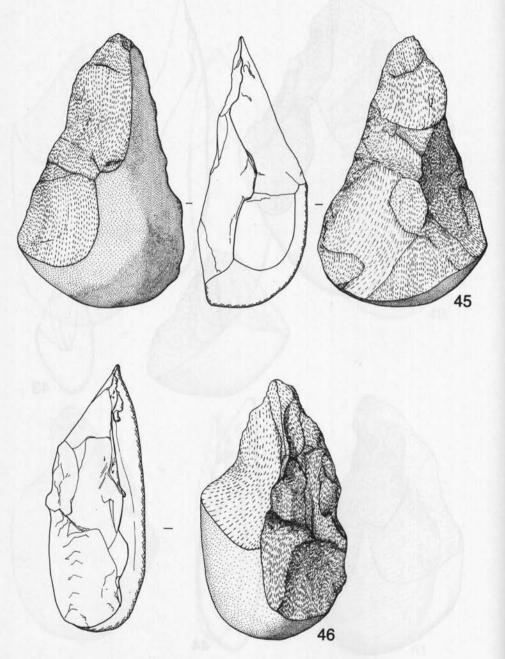
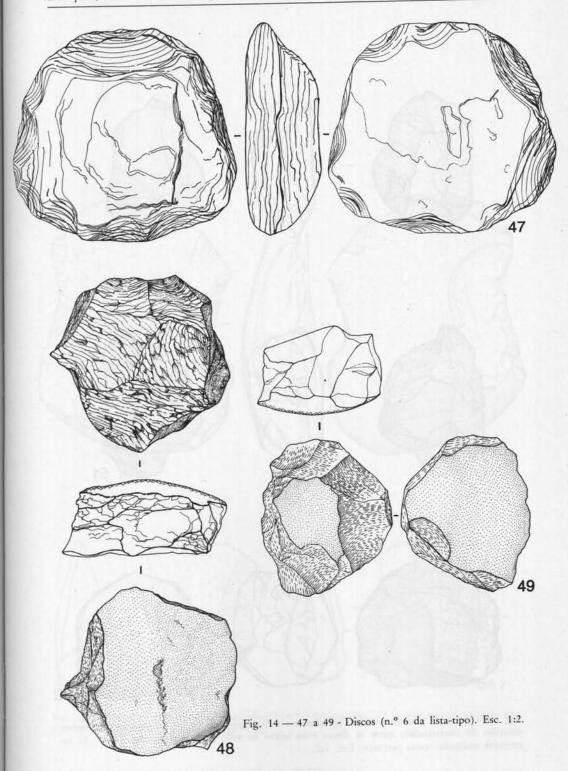


Fig. 12 — 42 a 44 - Picos (n.º 4 da lista-tipo). Poderiam também entrar no grupo dos "unifaces" sobre seixo, mas a sua secção claramente triédrica desaconselha tal classificação. Em qualquer destas peças é patente o diferente tratamento técnico-funcional dos dois lados dos gumes convergentes. O lado mais trabalhado chega a apresentar silhuetas de tendência denticular. Esc. 1:2.



Fg. 13 — 45 - Biface "degenerado" (n.º 5 da lista-tipo). 46 - "Uniface" sobre seixo (n.º 3 da lista-tipo). Poderia também entrar no grupo dos picos, mas o talhe invasor que apresenta desaconselha tal classificação. De notar o diferente tratamento técnico-funcional dado aos dois lados do gume convergente, idêntico ao das peças representadas nas figs. 38, 39, 40, 41, 42, 43 e 44. Esc. 1:2.



O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

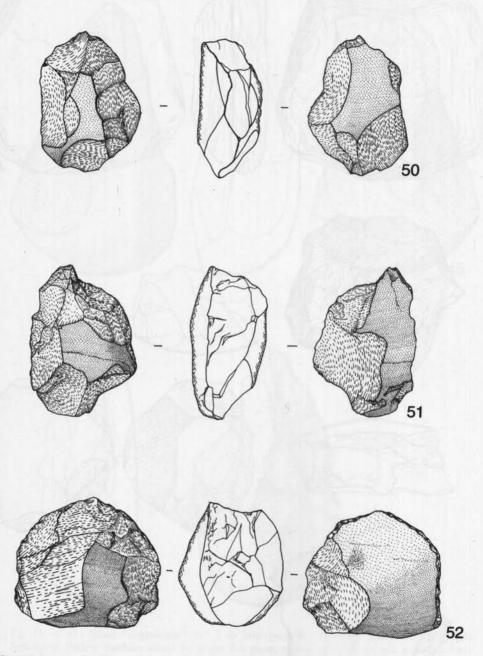


Fig. 15 — 50 a 52 - Seixos bifaciais talhados em toda a periferia (n.º 9 da lista-tipo). Revelam soluções de continuidade entre os discos e os seixos de talhe periférico circular. O n.º 52 foi também utilizado como percutor. Esc. 1:2.

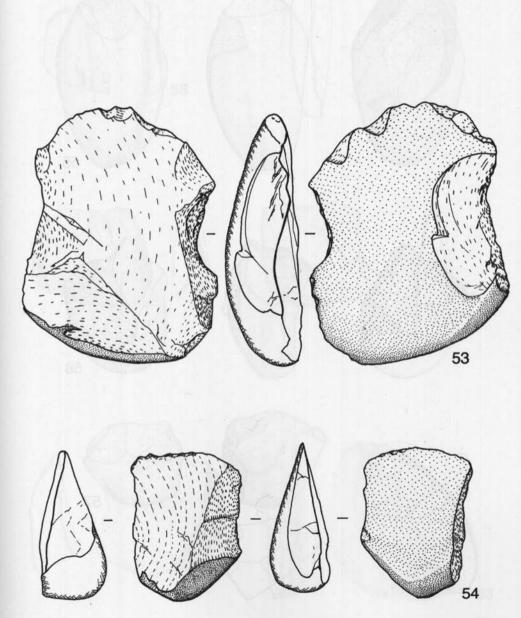


Fig. 16 — 53 e 54 - Hachereaux ("machados") (n.º 7 da lista-tipo). O hachereau representado na fig. 53 apresenta entalhes laterais. Esc. 2:3.

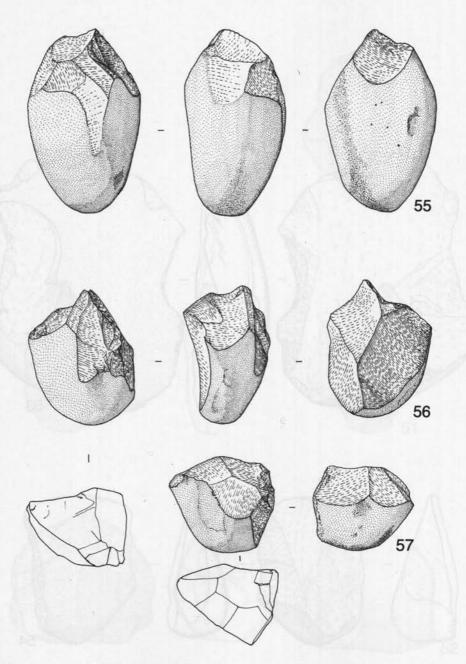


Fig. 17 — 55 a 57 - Seixos poliédricos (n.º 12 da lista-tipo). Todos eles foram também utilizados como percutores. Esc. 1:2.

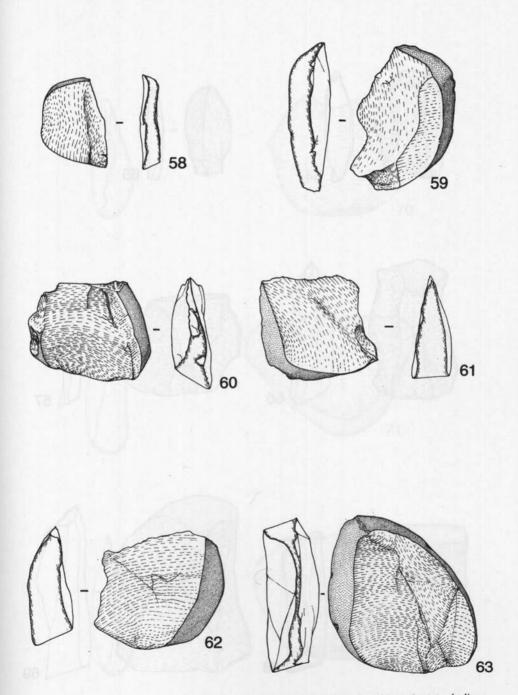


Fig. 18 — 58, 59 e 61 - Lascas de descorticagem do tipo "gomo de laranja" (n.º 13.1. da listatipo). 60 e 63 - Lascas de seccionamento (n.º 13.2. da lista-tipo). 62 - Lasca de descorticagem simples (n.º 13.3. da lista-tipo). Esc. 1:2.

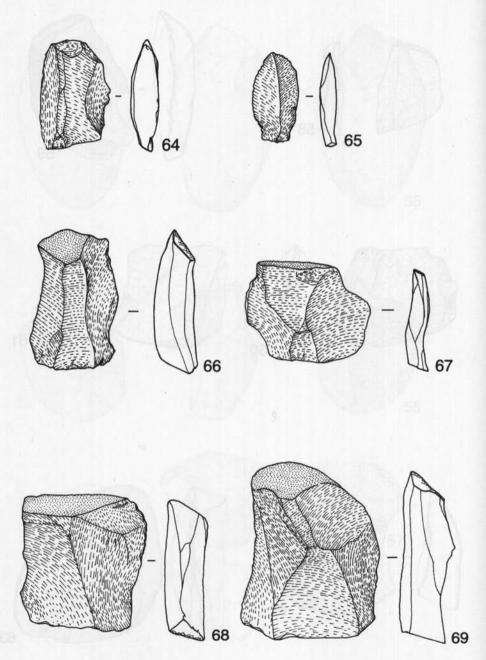


Fig. 19 — 64 e 65 - Lascas lamelares (n.º 16 da lista-tipo). 66 a 69 - Lascas de seccionamento, com superfície cortical nas extremidades distal e proximal, sendo esta a do talão. A peça representada na fig. 66 é uma lasca lamelar. Esc. 2:3.

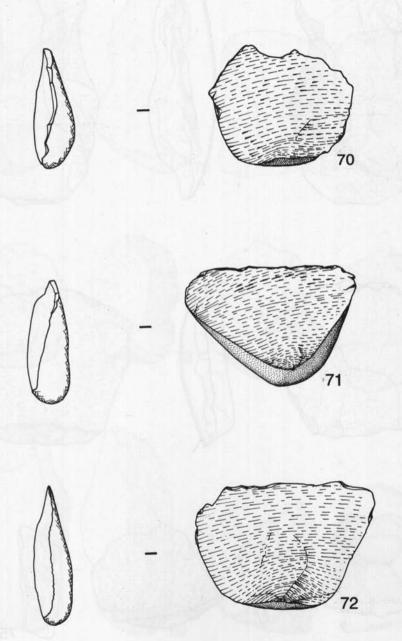


Fig. 20 — 70 a 72 - Lascas iniciais (n.º 14 da lista-tipo). Esc. 2:3.

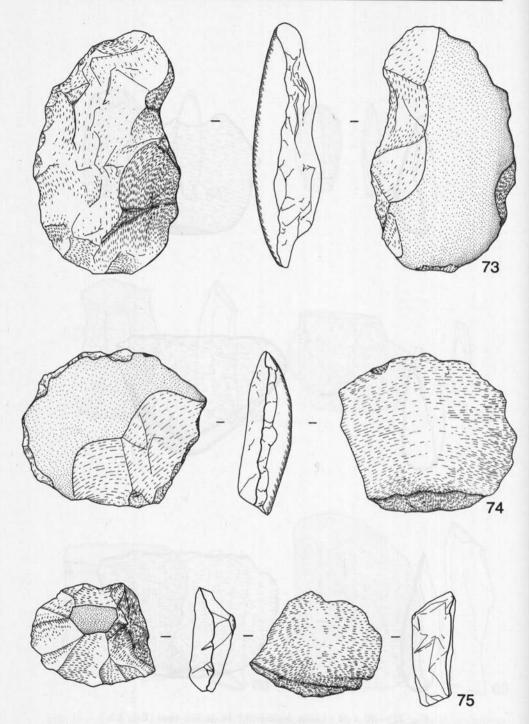


Fig. 21 — 73 - Raspador duplo convexo-côncavo (n.º 18.1 da lista-tipo). 74 e 75 - Raspadores circulares (n.º 18.1. da lista-tipo). Esc. 1:2.

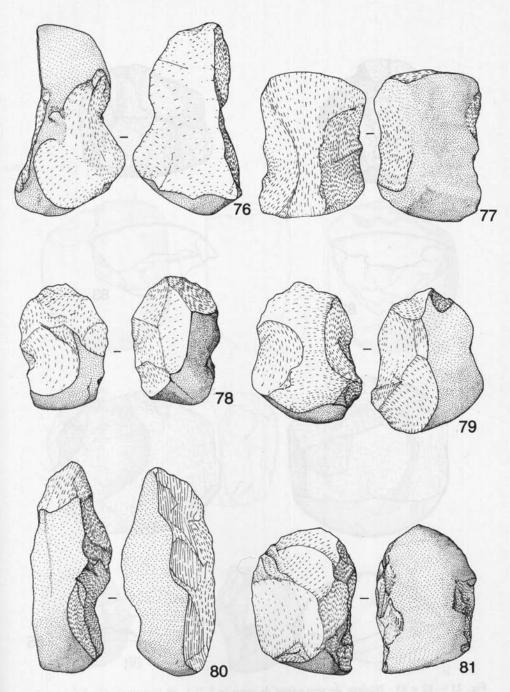


Fig. 22 — 76 a 81 - Peças de entalhes ("pesos de rede") (n.º 20 da lista-tipo). Esc. 1:2.

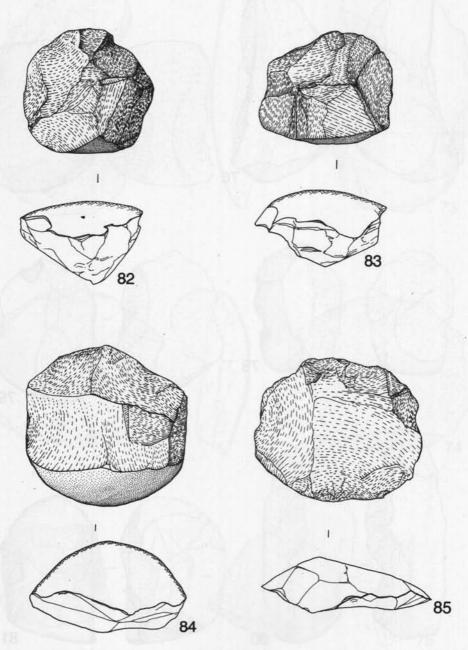


Fig. 23 — 82 e 83 - Núcleos do tipo calote de seixo (n.º 21.1. da lista-tipo). 84 - Núcleo sobre calote de seixo, de tipo especial, para extracção das lascas do tipo n.º 14 da lista-tipo (n.º 21.2. da lista-tipo). 85 - Núcleo de planos de percussão preparados (n.º 21.3. da lista-tipo). Esc. 1:2.

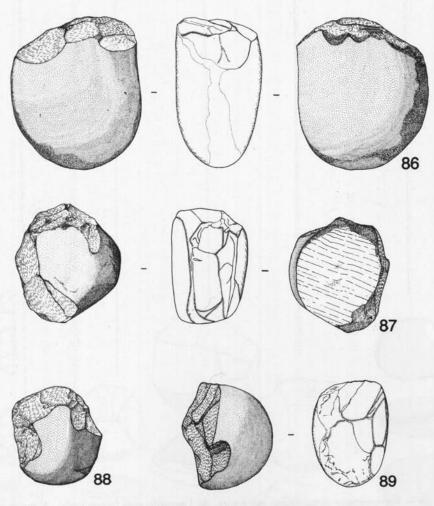


Fig. 24 — 86 a 89 - Percutores (n.º 22 da lista-tipo). Esc. 1:3.

Fig. 25 — Representação sintagmática, em árvore, do Languedocense (simplificada). A maior ou menor espessura dos ramos pertencentes a um mesmo nó representa a percentagem relativa da ocorrência de cada tipo considerado. Os desenhos esquemáticos dos artefactos não se encontram na mesma escala, por conveniência de composição gráfica do conjunto.

O Arqueólogo Português, Série IV, 2, 1984, pp. 87-166

